

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MARINA VALIM BANDEIRA

**PERSONALIDADE E *PHUBBING*: INVESTIGANDO A RELAÇÃO DA
PERSONALIDADE EM UNIVERSITÁRIOS COM O ATO DE IGNORAR PELO
SMARTPHONE**

Santana do Livramento

2019

MARINA VALIM BANDEIRA

**PERSONALIDADE E *PHUBBING*: INVESTIGANDO A RELAÇÃO DA
PERSONALIDADE EM UNIVERSITÁRIOS COM O ATO DE IGNORAR PELO
SMARTPHONE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof. Dra. Kathiane Benedetti Corso.

Santana do Livramento

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

658.403

B172p Bandeira, Marina Valim

Personalidade e phubbing: investigando a relação da
personalidade em universitários com o ato de ignorar
pelo smartphone / Marina Valim Bandeira.

84 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Pampa, MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO, 2019.

"Orientação: Kathiane Benedetti Corso".

1. Phubbing. 2. Personalidade. 3. Smartphone. 4.
Dependência. I. Título.

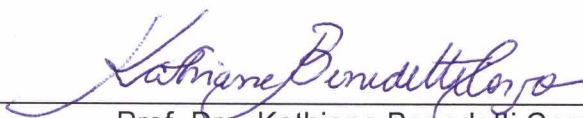
MARINA VALIM BANDEIRA

PERSONALIDADE E *PHUBBING*: INVESTIGANDO A RELAÇÃO DA
PERSONALIDADE EM UNIVERSITÁRIOS COM O ATO DE IGNORAR PELO
SMARTPHONE

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Administração da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título de
Mestre em Administração.

Dissertação defendida e aprovada em 27 de Março de 2019.

Banca examinadora:



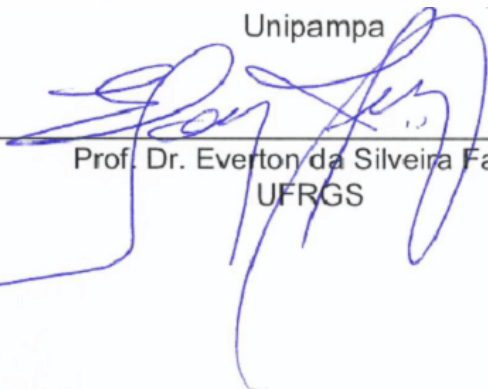
Prof. Dra. Kathiane Benedetti Corso
Orientadora
Unipampa



Prof. Dr. João Garibaldi Almedia Viana
Unipampa



Prof. Dr. Paulo Vanderlei Cassanego Junior
Unipampa



Prof. Dr. Everton da Silveira Farias
UFRGS

“Ironicamente, a tecnologia que foi projetada para aproximar os humanos nos isolou dessas mesmas pessoas”.

(DAVID; ROBERTS, 2017)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, pelo apoio incondicional;

Agradeço à minha orientadora de mestrado, Prof. Kathiane por me apresentar o tema e pela parceria e compreensão durante esses dois anos;

Agradeço aos meus colegas de mestrado Bibiana, Filipe e Mikaela pelo apoio em momentos de dificuldade;

Agradeço a minha orientadora de graduação, Prof. Patrícia pelo apoio e empatia durante o ano que passou;

Agradeço às minhas colegas do curso de Economia por me ouvirem e incentivarem nessa jornada tripla de trabalho, graduação e mestrado;

Agradeço aos professores, de maneira geral, que contribuíram para minha formação como mestra;

Agradeço à Unipampa, pelos 10 anos de acolhida durante meus dois cursos de graduação e pós-graduação;

RESUMO

Nos últimos anos, observou-se a popularização dos celulares inteligentes, chamados smartphones. Por possuírem um sistema que integra diversas funcionalidades em um mesmo aparelho, tornou-se um objeto útil em meio à vida das pessoas. Porém seu uso constante tem trazido problemas aos usuários e a quem convive com eles. Nesse sentido, surge o comportamento do *phubbing*, que é caracterizado pelo ato de ignorar quem está a sua volta para prestar atenção em seu smartphone. Estudos têm sido realizados para investigar o que está por trás desse comportamento. Foram identificadas questões como dependência de internet, de smartphone e uso problemático das redes sociais. Porém, questões como as personalidades dos indivíduos ainda não foram investigadas. Logo, o presente estudo tem como objetivo analisar a influência dos cinco traços de personalidade no comportamento do *phubbing* dos universitários brasileiros usuários de smartphone. Utilizando técnicas de estatística descritiva e regressão múltipla, descobriu-se que o *phubbing* é positivamente influenciado por indivíduos neuroticistas e amáveis. Já indivíduos com traços de conscienciosidade e abertura a novas experiências possuem influência negativa no comportamento.

PALAVRAS-CHAVE: *Phubbing*, personalidade, smartphone

ABSTRACT

In recent years, we have seen the popularization of smartphones. They have become a useful object among people's lives, because they have a system that integrates several functionalities in the same device. But its constant use has brought problems to users and to those who live with them. In this sense, the *phubbing* behavior appears, which is characterized by the act of ignoring those around you to pay attention to your smartphone. Studies have been conducted to investigate what lies behind this behavior. Issues such as dependence on internet, smartphone and problematic use of social networks were identified. However, questions such as the personalities of the individuals have not yet been investigated. Therefore, the present study aims to analyze the influence of five personality traits on the phubbing behavior of Brazilian university users of smartphones. Using descriptive statistics and multiple regression techniques, it has been found that *phubbing* is positively influenced by neurotic and amable individuals. Already individuals with traits of conscientiousness and openness to experiences have a negative influence on behavior.

KEYWORDS: *Phubbing*, personality, smartphone.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Impactos dos hábitos dos usuários de smartphone.....	20
Figura 2 – Antecedentes do <i>phubbing</i>	28
Figura 3 – Características e escalas dos Cinco Grandes Traços	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferenças entre os termos utilizados para expressar o mau uso	23
Quadro 2 – Contextos e resultados do <i>phubbing</i>	29
Quadro 3 – Oito abordagens da personalidade.....	31
Quadro 4 – Descrição do Instrumento.....	39
Quadro 5 – Objetivos e mensurações	41
Quadro 6 – Pontuações para os traços de personalidade	43
Quadro 7 – Objetivos e suas estatísticas	44
Quadro 8 – Perfil da Amostra	46
Quadro 9 – Estatística Descritiva do construto <i>phubbing</i>	48
Quadro 10 – Estatística Descritiva do <i>phubbing</i>	49
Quadro 11 – Graus do <i>phubbing</i>	49
Quadro 12 – Parâmetros do modelo de regressão múltipla da relação entre sexo, idade e estado civil e o <i>phubbing</i>	51
Quadro 13 – Estatística Descritiva Neuroticismo	52
Quadro 14 – Pontuações Neuroticismo	53
Quadro 15 - Estatística Descritiva Extroversão	53
Quadro 16 – Pontuações Extroversão	54
Quadro 17 - Estatística Descritiva Amabilidade	54
Quadro 18 – Pontuações Amabilidade	55
Quadro 19 - Estatística Descritiva Conscienciosidade	55
Quadro 20 – Pontuações Conscienciosidade	55
Quadro 21 - Estatística Descritiva Abertura a novas experiências	56
Quadro 22 – Pontuações de Abertura a novas experiências	56
Quadro 23 – Resumo do modelo	57
Quadro 24 – Parâmetros da regressão da influência dos cinco traços de personalidade no comportamento do <i>phubbing</i>	58

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Problemática.....	13
1.2	Objetivos.....	15
1.2.1	<i>Objetivo Geral</i>	15
1.2.2	<i>Objetivos Específicos</i>	15
1.3	Justificativa.....	16
1.4	Estrutura do trabalho.....	17
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1	O indivíduo e o smartphone.....	19
2.2	Uso problemático de Smartphone.....	21
2.3	<i>Phubbing</i> : juntos, mas separados.....	26
2.4	A personalidade e a tecnologia.....	31
3	METODOLOGIA.....	38
3.1	Características da pesquisa.....	38
3.2	Método.....	38
3.3	Técnica e instrumento de coleta.....	39
3.4	População e Amostra.....	40
3.5	Mensuração dos objetivos.....	42
3.6	Análise dos dados.....	43
4	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	46
4.1	Perfil da amostra.....	46
4.2	Estatística descritiva e nível do construto <i>phubbing</i>	48
4.3	Variáveis sexo, idade, estado civil e o comportamento do <i>phubbing</i>	51
4.4	Estatística descritiva do Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade.....	53
4.5	Influência dos cinco traços no comportamento de <i>phubbing</i>	57
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
	REFERÊNCIAS.....	65
	ANEXO A.....	80
	ANEXO B.....	81
	APÊNDICE.....	82

1 INTRODUÇÃO

Desde a invenção da prensa por Gutenberg, passando pelo primeiro computador e chegando até a criação da Internet no final dos anos 1960, as tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm feito parte da vida cotidiana, tornando-se quase que indispensáveis às atividades diárias (CURY, CAPOBIANCO, 2011).

Dados da pesquisa *We Are Social* (HOOTSUITE, 2018), mostram que a presença da Internet atingiu no mês de janeiro de 2018, cerca de 53% da população mundial, desse percentual, 49% acessa a Internet através do smartphone. Quanto ao tempo de conexão, o Brasil é o terceiro país no ranking com uma média de 9h e 14 minutos, atrás da Tailândia e das Filipinas. A pesquisa mostra também que entre 2008 e 2018 houve um crescimento de quase 50% do tráfego de Internet via mobile.

Todas essas tecnologias foram aceitas pela sociedade como ferramentas que mudariam o mundo, fosse em termos logísticos ou de melhoria na comunicação interpessoal, libertando as pessoas de suas mesas e fazendo com que assumam vários papéis ao mesmo tempo (SWINGLE, 2016). Neste contexto, surgem os smartphones que, além de substituir os celulares, contribuem para que outros dispositivos sejam deixados de lado. Isso se deve ao fato de que aglutinam funções e oferecem mobilidade aos seus usuários (SAMAH; HAWI, 2015).

Uma de suas funções principais é a possibilidade de conexão à internet 24h por dia, seja através dos navegadores web ou dos aplicativos que permitem o acesso às redes sociais, ouvir músicas e buscar informações (ANSHARI *et al.*, 2016). Dada esta função os smartphones tornam-se mais invasivos que outras tecnologias, isto porque raramente são desligados pelos usuários e as notificações de novas mensagens e e-mails chegam instantaneamente. Além disso, a mobilidade por eles fornecida permite que sejam levados a qualquer lugar ao contrário do que acontece com computadores e laptops, por exemplo (LANAJ; JOHNSON; BARNES, 2014).

Logo, a conexão e a mobilidade proporcionadas por esses aparelhos podem ocasionar comportamentos benéficos tais como melhorias na produtividade; e, também, comportamentos negativos como a distração e a dependência dos aparelhos (ANSHARI *et al.*, 2016). Estes maus hábitos, inclusive, já estão sendo tratados como patologias por áreas da psicologia (LIN *et al.*, 2017). No que se refere aos usuários, eles só percebem que estão tendo problemas com o uso da internet e das demais

tecnologias quando esse comportamento começa a influenciar ou atrasar suas atividades diárias (MARINO, 2018).

O senso de estar constantemente conectado ao trabalho, amigos, família e ao mundo através do smartphone, gera ao mesmo tempo o sentimento de desconexão daqueles que estão presentes fisicamente (MORRIS, 2017). É a chamada “presença ausente” (BUCKINGHAM, 2008), na qual as pessoas estão fisicamente próximas, mas distantes devido às distrações oferecidas pelas tecnologias.

Quando afetada pelo uso do smartphone, tal atitude é denominada como *phubbing*, cujo termo se origina das palavras *phone* + *snubbing* e significa o ato de ignorar a presença de alguém para prestar atenção no seu aparelho (HAIGH, 2015). Estudos têm mostrado os efeitos dessa prática na performance acadêmica (ABRAMOVA *et al.*, 2017), nas relações familiares (CARVAJAL, 2017), nos relacionamentos amorosos (ROBERTS; DAVID, 2015; WANG *et al.*, 2017; KNOLL; CORSO; CASSANEGO JR, 2017), nos sentimentos de cunho psicológico das pessoas (BLACHNIO; PRZEPIORKA, 2018) e, também, têm procurado entender porque mesmo sabendo dos efeitos negativos as pessoas continuam a praticá-lo (AAGAARD, 2019).

Neste sentido, teorias sugerem que as diferenças entre os tipos de personalidade individuais têm importante papel no desenvolvimento e manutenção de usos problemáticos de aplicativos online (KIRCABURUN; GRIFFITHS, 2018). A teoria dos usos e gratificações (KATZ; BLUMLER; GUREVITCH, 1973), por exemplo, sugere que fatores psicológicos afetam as preferências das pessoas em relação ao uso das mídias. Assim, os traços de personalidade individuais levam os usuários a utilizá-las por diferentes motivos (RYAN *et al.*, 2014).

1.1 Problemática

A globalização da informação, a rapidez da sua circulação e os recursos e aplicações que os indivíduos têm a sua disposição definem o contexto atual da sociedade (SILVA; TEIXEIRA; SOLIZ 2017). Esse processo foi facilitado pelo surgimento do smartphone que impactou a forma como as pessoas se comunicam e se comportam, dadas as múltiplas funções que esse dispositivo oferece (ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (IBGE, 2018) mostram que 77,1 % dos brasileiros possuem pelo menos um aparelho celular sendo este o principal meio de acesso à internet. A hiperconectividade propiciada pelos *smartphones* aliadas as suas características de mobilidade, possibilitam aos indivíduos executarem diversas tarefas ao mesmo tempo em que se comunicam uns com os outros (SEO; KIM; DAVID, 2015).

As pesquisas realizadas na área de sistemas de informação têm mostrado que as novas tecnologias, tais como os *smartphones*, demandam cada vez mais tempo de uso das pessoas (TUREL; SERENKO; GILES, 2011), estando o aparelho presente em ocasiões que vão desde o ato de jantar com amigos até o momento de brincar com os filhos (TIME, 2016). Assim, o que vem sendo observado é a existência de dependência desses aparelhos para a realização de qualquer atividade rotineira (ZHITOMIRSKY-GEFFET; BLAU, 2016).

Nesse sentido, por estar sempre presente, o uso do smartphone pode tornar-se problemático. Logo, a partir do momento em que há um isolamento social provocado pelas tecnologias onde o indivíduo sente-se convencido de que basta haver conexão com a internet para suprir suas necessidades, há um problema a ser investigado (FONTEMACHI, 2014). Alguns autores indicam que o uso do dispositivo afeta a interação face a face e o bem-estar dos indivíduos (ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017), causando comportamentos como o *phubbing* (KARADAG *et al.*, 2015).

Na busca por explicações sobre o que pode causar esse tipo de comportamento problemático, pesquisadores têm estudado as personalidades individuais e qual a forma que essas influenciam os vícios químicos e não-químicos (VAGHEFI; QAHRI-SAREMI, 2018), como é o caso das tecnologias. Sabe-se, por exemplo, que a extroversão, abertura à novas experiências e a amabilidade são positivamente relacionados com o uso problemático do smartphone (ANDREASSEN *et al.*, 2013; BIANCHI; PHILLIPS, 2005). Logo, dado que estudos estabeleceram essa conexão, acredita-se que também haja relação das personalidades com o comportamento do *phubbing*.

Em sua maioria, os estudos citados anteriormente foram conduzidos com a população universitária, dado o fácil acesso para o pesquisador. Além disso, o fato de que é comum aos estudantes carregarem consigo um smartphone e ser possível vê-los fazer uso do mesmo durante as aulas (CUNHA, 2017) são fatores determinantes

para a escolha. Outro ponto relevante é que os universitários apresentam características de dependência do aparelho, principalmente aqueles que buscam pela aceitação dos demais e têm dificuldades de relacionamento interpessoal (KHOURY, 2016). Assim sendo, percebe-se que essa população aparenta ser mais suscetível ao comportamento do *phubbing*.

Portanto, tendo em vista os aspectos salientados anteriormente, este estudo sucede-se a partir do seguinte problema de pesquisa: ***qual a relação entre os cinco traços de personalidade individual (neuroticismo, extroversão, amabilidade, conscienciosidade e abertura a novas experiências) e o comportamento do phubbing nos estudantes universitários brasileiros usuários de smartphone?*** Sendo assim, no tópico a seguir, apresentam-se os objetivos delimitados com o propósito de responder a referida questão.

1.2 Objetivos

Neste tópico apresenta-se o propósito da presente pesquisa, elencando o objetivo geral e três objetivos específicos visando contribuir no alcance deste.

1.2.1 *Objetivo Geral*

Analisar a relação entre os cinco traços de personalidade e o comportamento do *phubbing* nos universitários brasileiros usuários de smartphone.

1.2.2 *Objetivos Específicos*

- a) Identificar o nível de comportamento de *phubbing* nos universitários brasileiros usuários de smartphone;
- b) Verificar a influência de sexo, idade e estado civil no comportamento de *phubbing* dos universitários brasileiros usuários de smartphone;
- c) Identificar quais os traços de personalidade mais presentes nos universitários brasileiros usuários de smartphone;

d) Identificar a influência dos traços de personalidade no comportamento do *phubbing* dos universitários brasileiros usuários de smartphone;

1.3 Justificativa

O mundo virtual permitiu a criação de diversos outros mundos, promovendo e estimulando a comunicação da sociedade através de sites nacionais e internacionais (ALVAREZ; RODRIGUEZ, 2012). Com os dispositivos móveis, o fato de ser possível acessar a internet de qualquer lugar somado à quantidade de aplicativos disponíveis para os smartphones, ajudaram a popularizar e elevar a frequência de seu uso (CAPPELLOZZA; DE MORAES; MUNIZ, 2017). Essas características aliadas ao preço do dispositivo ser relativamente barato, estão tornando o uso dos smartphones um hábito que atinge desde as crianças até os idosos (ANSHARI *et al.*, 2016).

Assim, a relação existente entre humanos e tecnologias, tal qual os smartphones, é uma via de mão dupla. Isto é, assim como a tecnologia pode ser controlada pelos indivíduos, os indivíduos também podem ser controlados por essa mesma tecnologia (TIKHONOV; BOGOSLOVSKII, 2015). Há nesse sentido uma relação sociomaterial, em que indivíduo e tecnologia estão imbricados constitutivamente, não havendo como separar aquilo que é social daquilo que material (ORLIKOWSKI, 2007).

Com isso, nota-se a importância que o estudo desse tipo de comportamento bem como dos efeitos por ele causados, adquiriu nos últimos anos (BORGES; PIGNATARO, 2016). Apesar de ainda não existir uma definição uniforme do que vem a ser o vício em smartphone, pode-se dizer que é um novo fenômeno causador de prejuízos tanto sociais quanto mentais em pessoas que abusam do uso de celulares (XU, 2017).

Um dos efeitos negativos que vem despertando o interesse de pesquisadores internacionais da área da tecnologia da informação e também da psicologia é o *phubbing*. Dadas as características desse fenômeno, Peredo (2017) as compara com as do autismo. Segundo o autor, pessoas autistas tendem a isolar-se em um modo próprio, desconsiderando quem está a sua volta, isso se assemelha ao que acontece com quem prefere o dispositivo móvel às pessoas que o rodeiam (PEREDO, 2017).

O uso problemático desses dispositivos tem relação com certos traços de personalidade. A extroversão, por exemplo, foi relacionada com o elevado número de

ligações, mensagens de texto e mudanças no toque dos celulares (BUTTS; PHILLIPS, 2008) e com o uso problemático do smartphone (BIANCHI; PHILLIPS, 2005); o mesmo traço também foi positivamente relacionado com o ato de enviar mensagens e fotos com conteúdo sexual (*sexting*), enquanto que os traços da amabilidade e estabilidade emocional não apresentaram efeitos (DELEVI; WEISSKIRCH, 2013).

Desse modo, dada a crescente quantidade de tempo que as pessoas passam em contato com a tecnologia, em especial o celular, justifica a intenção de compreender melhor o fenômeno. Além disso, as frequentes situações sociais presenciadas, nas quais indivíduos deixam de conversar uns com os outros para “ficarem no celular”, contribuíram no interesse da pesquisa.

Quanto aos estudos sobre o *phubbing* no Brasil, pode-se dizer que ainda são escassos, tendo sido encontrados os trabalhos de Angeluci (2015), Angeluci e Huang (2015) e Knoll, Corso e Cassanego Jr (2017). Além disso, estudos nacionais que relacionam o *phubbing* com as personalidades não foram encontrados, após busca pelos termos nas plataformas SPELL, Anpad e Google Acadêmico.

Internacionalmente, destaca-se o trabalho de D'Água e Patrão (2017) que investigaram a relação dos traços de personalidade com a dependência de smartphone e a satisfação nos relacionamentos amorosos. Ademais, os artigos relacionam as personalidades com o uso problemático e o vício em smartphone (BIANCHI; PHILLIPS, 2005; ROBERTS; PULLIG; MANOLLIS, 2015) com o uso excessivo e o vício em tecnologia (BUCKNER; CASTILLE; SHEETS, 2015; VAGHEFI; QAHRI-SAREMI, 2018), com o comportamento das pessoas quando estão no ambiente online (ABOUJAOUDE, 2017), com o vício em Instagram (KIRCABURUN; GRIFFITHS, 2018), entre outros.

1.4 Estrutura do trabalho

A presente pesquisa está estruturada em sete partes. A primeira apresenta a introdução ao tema, bem como a problemática, os objetivos e a justificativa. A segunda parte traz o referencial teórico sobre a relação do indivíduo com seu smartphone, o uso problemático que se estabelece a partir dessa relação, a questão do *phubbing* e, por fim, as personalidades. Na seção seguinte está descrita a metodologia que será

utilizada, seguida pela discussão dos resultados e considerações finais, as referências e ao final o apêndice e os anexos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção serão apresentados os quatro referenciais pertinentes ao estudo. O primeiro se refere a relação entre o indivíduo e o smartphone; o segundo ao uso problemático desse aparelho; o terceiro à prática de *phubbing*; e, ao final as personalidades.

2.1 O indivíduo e o smartphone

As tecnologias da informação e comunicação (TIC's) começaram a surgir em meados da década de 1960 e se espalharam de forma desigual pelo mundo, tendo como seus primeiros usuários os próprios produtores destas tecnologias. Com o passar dos anos, as TIC's têm gerado significativas mudanças no contexto social, seja no desenvolvimento de novas redes e conexões ou no surgimento das tecnologias móveis (CASTELLS, 2003; BASOLE, 2004).

A medida que as pessoas se habitam a chamadas no celular, enviar e receber e-mails e a utilizar os sites das redes sociais, pode-se notar o impacto dessas tecnologias na forma com que se relacionam. Não apenas uns com os outros, mas também na relação com a própria tecnologia. Exemplo disso são os compartilhamentos de ideias nas redes sociais que somente adquirem importância após outras pessoas validarem o que foi dito, através de curtidas ou de comentários (TURKLE, 2008).

Dessa forma, o *boom* dessas tecnologias móveis é percebido na forma com que as pessoas consomem, produzem e distribuem informações valendo-se da mobilidade física proporcionada pelos telefones celulares e laptops. Com isso, torna-se possível o compartilhamento em tempo real do que está acontecendo, algo que seria impossível com as mídias antigas (LEMOS, 2009).

Nesse contexto de acesso à informação e interatividade, o rápido avanço tecnológico possibilitou o aumento no uso dos smartphones - celulares inteligentes que vão além da função de apenas efetuar chamadas. Esses aparelhos são construídos com capacidades semelhantes às de um computador, combinando

funções de câmeras digitais, GPS, players de música, além de serem capazes de conectar à internet (SAPACZ; ROCKMAN E CLARK, 2015; KWON *et al.*, 2012).

Mais do que apenas um aparelho, os smartphones têm assumido valores e status entre os grupos sociais. Isso, porque permitem ao usuário compartilhar experiências e momentos vividos com seu círculo de amigos, tudo graças à mobilidade que viabiliza sua utilização a qualquer hora e lugar (LEPP *et al.*, 2014; LEMOS, 2009). Além disso, as funcionalidades do aparelho possibilitam escapar de situações chatas ou ainda evitar atividades consideradas desagradáveis (PANCANI; PRETI; RIVA, 2019). Logo, é natural que as pessoas desenvolvam uma relação muito próxima a esses aparelhos. Os mais jovens, por exemplo, os consideram como item indispensável para levar ao de sair de casa (HAMANN, 2016).

Dada essa relação, pode-se dizer que os smartphones estão se tornando parte importante da vida das pessoas, pois o sentimento de posse inconscientemente nos leva a crer que os aparelhos fazem parte de nós, tal qual diz Belk (1988). Essa noção é chamada pelo autor de *self estendido*. Tendo por base uma ampla revisão de literatura, o autor traz a ideia de que os consumidores utilizam objetos para expandir e fortalecer seu senso pessoal.

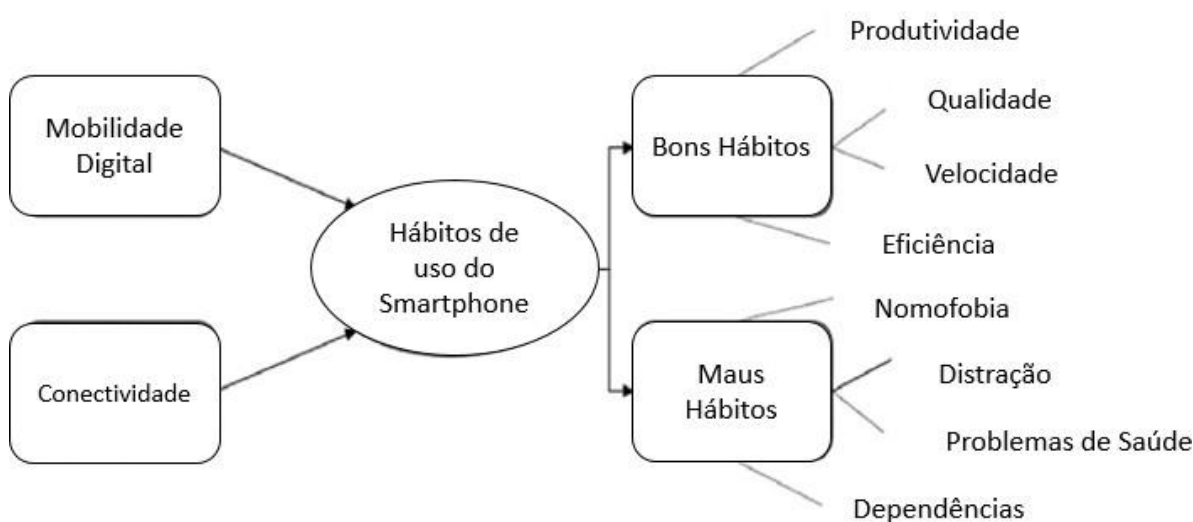
Esse comportamento é observado principalmente nos jovens que tem em seus smartphones um sentimento de extensão, principalmente por causa da sua funcionalidade que permite estar em contato com amigos e familiares permanentemente (SILVA; TEIXEIRA; SOLIZ, 2017). Em recente pesquisa, o instituto IPSOS (2018) perguntou a um total de 4418 pessoas, divididas entre a faixa etária de 16 a 65 anos, sobre sua relação com o smartphone. Desses, 2250 responderam que veem seus smartphones como parte integrante de suas vidas e os consideram como se fossem seus melhores amigos.

Isso mostra o quão atrelado o indivíduo está ao seu dispositivo, de modo que os smartphones tornaram-se também expressões de identidade (BELK, 2014). Esse sentimento aliado às já mencionadas funcionalidades podem ser considerados um risco potencial ao desenvolvimento do uso problemático e do vício em smartphone, tidos por estudiosos como similares ao vício em jogos de azar e que traz consequências para a vida do indivíduo (DUKE; MONTAG, 2017; ZHITOMIRSKY-GEFFET; BLAU, 2016).

Assim, sintomas como tolerância, afastamento, dificuldade nas atividades diárias ou distúrbios do controle do impulso são percebidos nesses indivíduos (KNOW

et al., 2013). Logo, apesar do uso desses aparelhos apresentar impactos positivos quando visto através da ótica da conexão com as pessoas, pode servir de barreiras em relação aos que se encontram presentes fisicamente (TUREL *et al.*, 2008). A figura 1 ilustra como a mobilidade e conectividade influenciam nos hábitos dos usuários de smartphone e quais os impactos positivos e negativos desses no dia a dia das pessoas:

Figura 1 – Impactos dos hábitos dos usuários de smartphone



Fonte: Anshari *et al.* (2016, p2. Tradução nossa)

Apesar dos autores não mensurarem o comportamento, a prática do *phubbing* poderia ser incluída nos maus hábitos derivada da "dependência". Desse modo, a partir da figura, conclui-se que a interação indivíduo-smartphone afeta a experiência social, tanto coletiva quanto individual e subjetiva das pessoas, mostrando novos meios de mediação das relações diárias (DE MOURA, 2013).

2.2 Uso problemático de Smartphone

Na era da internet e das tecnologias de informação e comunicação, percebe-se que as pessoas estão começando a se tornar dependentes das tecnologias em diversos aspectos da sua rotina diária, um dos responsáveis por isso é o smartphone. Dadas suas características de mobilidade e ubiquidade, esses aparelhos possibilitaram levar a conexão com a internet para qualquer lugar, tomando um papel

central na vida dos seus usuários, permitindo o contato imediato de uma pessoa com a outra, o que para os donos desses aparelhos é um aspecto positivo (ZHITOMIRSKY-GEFFET; BLAU, 2016; FULLWOULD *et al.*, 2017).

Por se equipararem a pequenos computadores com uma interface amigável e sistemas operacionais avançados, os smartphones oferecem aos seus usuários múltiplas funções e facilidades, tais como o download de aplicativos, compartilhamento de mensagens e imagens e reprodução de músicas e vídeos (WANG *et al.*, 2015). Dessa forma, a função de comunicação por voz fica em segundo plano dado que o acesso à internet expande a capacidade de uso do aparelho (CARDOSO; AMOROSINO; NARDI, 2014). Todas essas funções explicam o porquê de sua popularidade.

A questão é que a percepção sobre a forma de uso do celular para as pessoas é algo trivial, então é difícil perceber quando esse hábito se torna um comportamento abusivo (BORGES; PIGNATARO, 2016). Em alguns países o mau uso do smartphone é definido como uma condição na qual a sua presença aumenta enquanto que a habilidade de controlar seu uso diminui. Nesse caso, presença significa que o uso dos smartphones está mais constante na vida das pessoas do que outros dispositivos e que mesmo apresentando experiências físicas, psicológicas e sociais negativas, não consegue controlar seu uso (CHUN, 2018).

Exemplos desses efeitos negativos são observados na qualidade de vida das pessoas, como a depressão e distúrbios de sono (THOMÉE; HÄRENSTAM; HAGBERG, 2011), no sentimento de cansaço logo pela manhã (LANAJ; JOHNSON; BARNES, 2014), na produtividade no trabalho e nas atividades em casa (DUKE; MONTAG, 2017) e na instabilidade emocional que por sua vez impacta em uma baixa performance acadêmica (AMBAD; KALIMIN; YUSOF, 2017). Outros estudos também identificaram que as notificações por som de atualizações ou mensagens recebidas levam a um constante hábito de verificação, podendo desencadear uma série de sintomas psicopatológicos como os de dependência (OULASVIRTA *et al.*, 2012).

Muitos dos comportamentos citados acima, tornam-se tão comuns para as pessoas quanto o hábito de escovar os dentes, por exemplo (ANSHARI *et al.*, 2016). Logo, o usuário não percebe tão rapidamente que sofre de um distúrbio, daí a importância de conscientizar sobre os impactos negativos do uso visando a sua redução (AREFIN *et al.*, 2017).

O Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5) incluiu esse comportamento ao introduzir um vício não-químico como um diagnóstico psiquiátrico: o vício em jogos online (PONTES; GRIFFITHS, 2015). Essa inclusão dá esperança aos pesquisadores que conduzem estudos sobre esse tipo de vício, principalmente porque é uma área de pesquisa em expansão (KUSS *et al.*, 2018).

Desde que a temática do mau uso das tecnologias emergiu como um novo distúrbio de saúde mental, a produção acadêmica sobre o assunto cresceu e, em conjunto, as várias terminologias utilizadas para descrever o fenômeno (KUSS *et al.*, 2018). Pode-se atribuir a falta de clareza quanto a definição do vocábulo às diferentes escalas que são utilizadas para mensurar o mau uso das tecnologias, tal qual o IAT (*Internet Addiction Test*) de Young (1998) que frequentemente é adaptado para medir a dependência em redes sociais apenas substituindo o termo “Internet” pelo nome da rede em questão (MARINO, 2018).

Já Abreu *et al.* (2008) ponderam que as diversas definições têm origem nas áreas de formação e atuação dos pesquisadores que se interessam pela temática. São médicos, comunicadores, psicólogos, jornalistas, entre outros, que consideram aspectos de suas formações para interpretar os comportamentos observados visando contextualizá-los.

Os principais termos utilizados na literatura são *addiction* (YOUNG, 2004), *problematic use* (CAPLAN, 2010) e *excessive use* (PONTES *et al.*, 2015). Na língua portuguesa, pesquisadores adotam o termo “dependência” como tradução dos termos *addiction* e *dependence*, porém, autores de língua inglesa salientam que há diferença entre o significado das palavras sendo *addiction* usado para definir transtornos comportamentais e *dependence* para transtornos de cunho fisiopatológico (O'BRIEN, 2010).

Buscando uma melhor compreensão das terminologias utilizadas, construiu-se o quadro 1 com base em autores que discutem cada um dos termos:

Quadro 1 – Diferenças entre os termos utilizados para expressar o mau uso das tecnologias

TERMINOLOGIA	CONCEITO	AUTOR
<i>Excessive use</i>	Uso frequente ou muito tempo gasto online . Também é definido como a extensão em que o uso de TI é maior do que o tempo planejado . O uso excessivo é uma condição necessária para os usuários que experimentam resultados negativos associados ao uso da tecnologia, mas não atingem a condição suficiente.	PONTES <i>ET AL.</i> 2015; CAPLAN; HIGH, 2006; CAPLAN, 2003.
<i>Compulsive use</i>	O uso compulsivo envolve a incapacidade de controlar a sua atividade online . Geralmente é seguido por sentimento de culpa pela falta de controle.	CAPLAN, 2003; VAN ROOJI <i>ET AL.</i> , 2010.
<i>Problematic use</i>	O comportamento problemático é caracterizado por sintomas de adição e / ou dificuldades de autocontrole que levam a consequências negativas na vida pessoal e social. Resulta em consequências acadêmicas, profissionais e sociais negativas. O uso problemático refere-se a um uso excessivo ou não controlado, incluindo a preocupação, a frustração, a confiança no gadget para aliviar o humor desagradável e interferência com atividades interpessoais ou relacionadas ao trabalho. O uso problemático pode ser caracterizado pela incapacidade de um indivíduo controlar seu uso , o que, por sua vez, leva ao comprometimento funcional das atividades diárias .	XANIDIS; BRIGNELL, 2016; MARINO <i>et I</i> , 2018; CAPLAN, 2010; MARINO <i>ET AL.</i> 2017; GRIFFITHS, KUSS; DEMETROVICS, 2014; CAPLAN, 2003; CHÓLIZ, 2010; SHAPIRA <i>ET AL.</i> 2000
<i>Dependence</i>	A dependência acontece no momento em que as pessoas são incapazes de controlar seu uso das tecnologias (redes sociais, smartphones, internet) várias vezes ao dia. A medida que os usuários percebem benefícios no uso, mais querem usar .	YOUNG (2010); CHOLIZ 2010 TRAN HUYNH 2015 OLIVEIRA E PASQUALINI 2014
<i>Addiction</i>	Suas principais características são a incapacidade de se abster da dependência, de controlar o comportamento e não reconhecer que sofre de um problema . O termo vício é usado quando os critérios de dependência (isto é, saliência, humor, modificação, tolerância, retirada, conflito e recaída) ou fatores similares com base na definição de dependência do jogo (por exemplo, problemas interpessoais, gerenciamento de tempo e problemas de desempenho) são afetados; Os “viciados” podem usar as tecnologias por longos períodos , isolando-se de outras formas de contato social e concentrando-se quase inteiramente no mundo virtual em detrimento do mundo real.	RIES, 2014 (IN GREENFIELD 2018); JORGENSON <i>ET AL.</i> , 2016; ANDREASSEN <i>ET AL.</i> , 2013; WEINSTEIN, LEJOYEUX 2010

Nomophobia	Pesquisadores ingleses cunharam o termo nomofobia para se referir a angústia ou desconforto causados pelo temor de ficar incomunicável devido à falta de um celular, computador ou internet . O termo é oriundo das palavras <i>no-mobile</i> (sem celular) mais o sufixo grego <i>fobos</i> (medo).	KING; NARDI; CARDOSO, 2015; GREENFIELD, 2011
------------	---	--

Fonte: elaborado pela autora

Após a leitura e conceituação dos termos, percebe-se que todos se referem a um distúrbio comportamental (*behavioral addiction*), assim chamado porque não envolve o uso de nenhuma substância química e sim uma interação entre homem e máquina (GRIFFITHS, 1996). É um comportamento caracterizado pela perda de controle, isto é, apesar das tentativas de abstenção ou de um uso moderado, o comportamento continua a ocorrer (MARLATT *et al.*, 1988). Pode-se citar também como exemplos a compra compulsiva, vício em jogos de azar e também em videogame (CHÓLIZ, 2010).

Para esse estudo, considerando o debate existente em termos das *behavioral addictions*, optou-se por utilizar a terminologia de “uso problemático”. Isso porque o conceito faz referência às pessoas que usam o smartphone de tal forma que leva a resultados problemáticos, não fazendo um julgamento clínico sobre se essa pessoa tem ou não uma doença mental de dependência (WANG *et al.*, 2015).

No que se refere ao comportamento problemático associado ao uso dos smartphones, Bianchi e Phillips (2005) sugerem que fatores pré-existentes favoreçam esse tipo de comportamento no usuário, dentre os quais destacam-se a questão do gênero, idade e autoestima. Billieux (2012), com base em outros estudos, propõe que os traços de personalidade relacionados à instabilidade emocional e a extroversão são altamente relacionados ao uso problemático, enquanto que a amabilidade e a consciencialidade são menos consistentes.

Quanto às pessoas, é difícil que elas percebam e considerem seu hábito de uso do smartphone como um problema (MARINO, 2018). Os homens, por exemplo, têm mais tendência ao uso problemático dos smartphones, computadores e jogos online do que as mulheres, já os adolescentes são mais propensos a desenvolver sintomas de uso problemático do aparelho (BIANCHI; PHILLIPS, 2005; ANSHARI *et al.*, 2016).

Assim, o fato dos aparelhos conectarem todo mundo a qualquer hora, dificulta as interações face-a-face e desvia a atenção do contato interpessoal, gerando um

novo contexto social onde as conexões online aumentam, mas um isolamento entre as pessoas também é percebido (ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017). Ou seja, quando se está junto, se está sozinho, e quando se está sozinho, se está junto (DANTAS; VIDAL, 2016). Esse é um dos aspectos do chamado *phubbing*.

2.3 *Phubbing*: juntos, mas separados

Antes da popularização dos smartphones e de seus aplicativos, já se falava em problemas na comunicação física interpessoal afetados pelo e-mail. Turkle (2008) citava como exemplos as grandes conferências realizadas para encontro de especialistas em determinado assunto, onde os espectadores não prestam atenção nos debates, mas ficam trocando e-mails. Também, os alunos durante as aulas, os pais enquanto brincam com os filhos, casais durante encontros, etc (TURKLE, 2008). Ou seja, mesmo não estando presentes fisicamente, ainda assim as pessoas desejam saber o que seus amigos estão fazendo sem a presença delas, o que caracteriza o fenômeno conhecido como FoMO - *Fear of Missing Out* (PRZYBYLSKI *et al.*, 2013).

Esse sentimento de perda (FoMO), é influenciado pela nova cultura digital, que dá valor às experiências transmitidas em tempo real. Quando isso não ocorre, é como se as experiências não tivessem acontecido, pois não foram testemunhadas e avaliadas pelos outros. O que não se percebe, porém, é que cada vez mais se perde aquilo que acontece no presente, levando os usuários a se tornarem intolerantes ao tédio, a isolarem-se socialmente e manterem-se alheios ao que acontece a sua volta (GREENFIELD, 2018).

Os sintomas descritos por Greenfield (2018) estão mais presentes na vida cotidiana em função das tecnologias. Se antes era preciso ir a um local específico para termos acesso à informação, hoje ela está disponível na palma da mão onde quer que se esteja através dos smartphones (GABRIEL, 2012). Ainda que esse seja um ponto positivo no uso desses aparelhos, o que se tem observado é um afastamento das pessoas causado pelo uso problemático dos smartphones.

Apesar da existência de diversas atividades nos smartphones que envolvam a interação com outras pessoas, de maneira geral espera-se que esse aparelho tenha um impacto negativo no relacionamento face a face dos indivíduos (ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017). Exemplos dessa situação estão se tornando mais frequentes, famílias reunidas para uma refeição não interagem; cada qual está

ocupado em seu smartphone. Não há conversa, pelo menos não pessoalmente. O que se vê são dedos movimentando-se rapidamente, clicando em seus smartphones e tablets (NAZRI; LATIFF, 2013).

Nesse contexto, observa-se a ocorrência do chamado *phubbing*. O termo é a junção das palavras *phone* (telefone) + *snubbing* (ignorar) e consiste no ato de ignorar alguém em uma situação social para prestar atenção no seu celular escapando da comunicação interpessoal presencial (KARADAG *et al.*, 2015). A palavra surgiu como uma ação da agência *McCann Melbourne*, para o *Macquarie Dictionary* no ano de 2012, que consistia em convidar especialistas para cunhar uma terminologia para o fenômeno antes observado somente em salas de aula (UGUR; KOC, 2015). A partir disso, surgem também as terminologias para os praticantes (*phubbers*) e para quem está sofrendo/sendo ignorado (*phubbee*) (CHOTPITAYASUNONDH; DOUGLAS, 2016).

A popularização do termo se deu graças à campanha “*Stop Phubbing*” criada pela mesma agência. Dados da campanha (HAIGH, 2015) mostram que as atividades mais praticadas pelos *phubbers* são atualizar seus status nas redes sociais, comunicar-se através de mensagens e fazer o *download* de músicas. Pode-se entender o comportamento então como uma atitude de desrespeito em relação às pessoas com as quais se está interagindo pessoalmente, preterindo-as em favor dos contatos virtuais (KARADAG *et al.*, 2015). Outra interpretação para o comportamento é dada por Guazzini *et al* (2019), que o vê como uma forma de *addiction* na qual a compulsão por verificar o smartphone se sobressai às outras situações.

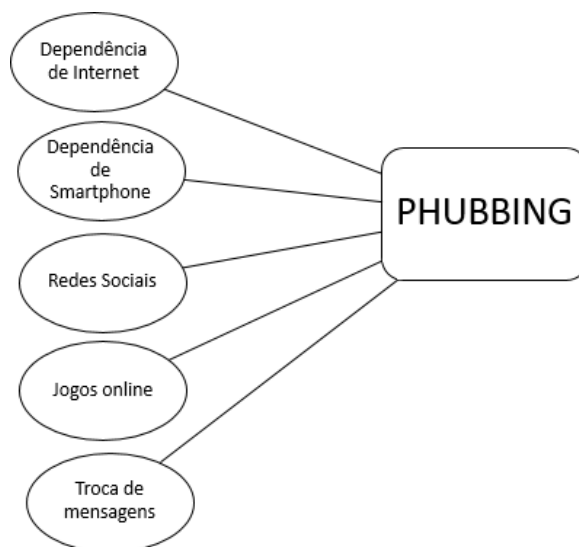
Desse modo, buscando entender o que causa o *phubbing*, alguns estudos concentraram-se em investigar os antecedentes do comportamento. Dado que o smartphone possibilita o acesso à internet de qualquer lugar, a dependência ou o uso problemático da internet é considerado um dos predecessores (CHOTPITAYASUNONDH; DOUGLAS, 2018). Um indivíduo dependente da internet pode apresentar sintomas parecidos aos do vício em álcool, mostrando uma falta de controle frente aos impulsos (YOUNG, 2004) ou também pode apenas utilizá-la como “ponte” aos vícios que já possui no mundo *offline*, como no caso dos jogos (GRIFFITHS, 2000). O mau uso dificulta a capacidade de gerenciamento de tempo, atenção e energia o que, por sua vez, causa mudanças no estilo de vida levando a déficits comportamentais (GREENFIELD, 2018). Karadag *et al.*, (2015) aderem à ideia de Griffiths de que a internet serve como ponte para vícios existentes, abrindo espaço

para o acesso a diversas ferramentas de mídias, tornando-se um objeto de vício em si.

Como já discutido, o *phubbing* se caracteriza por ser desrespeitoso com outras pessoas e preferir ficar no ambiente virtual. Tal atitude se baseia em aplicativos como a internet e os jogos que saem do computador para o celular mostrando, dessa forma, que a natureza intrínseca dos smartphones pode provocar a dependência (KARADAG *et al.*, 2016). Logo, o fato de que se pode acessar a internet e jogos via dispositivo levou a dependência da internet para outro patamar, tornando o mau usuário de internet em um mau usuário de smartphone (BERANUY *et al.*, 2009). Karadag *et al.*, (2015) indicam que a medida em que o tempo de conexão à internet aumenta, o mesmo ocorre com o uso dos smartphones. Um comportamento geralmente observado é que pessoas que sofrem de solidão, utilizam seus smartphones para amenizar esse sentimento (PARK, 2005).

Outros fatores como as redes sociais (KUSS; GRIFFITHS, 2017) podem potencializar esse comportamento. Os sites de redes sociais atraem um grande número de usuários todos os dias, os mais populares, como *Youtube* e *Facebook*, são acessados em média por 60% da população brasileira (HOOTSUITE, 2018). Neles é possível fazer novas amizades e estreitar laços já existentes (BOYD; ELLISON, 2008). O desenvolvimento de aplicativos específicos para essas redes, quebrou a barreira do acesso físico, pois somente um computador não se faz necessário para acessá-las, basta ter um smartphone (KARADAG *et al.*, 2015).

Entende-se, portanto, que o smartphone possibilita o acesso à internet que, por sua vez, possibilita o acesso frequente às redes sociais e demais aplicativos. Assim, o hábito de verificar o smartphone em busca de atualizações, ignorando quem está em volta é influenciado por esses aplicativos. Especialistas, inclusive, relacionam o *phubbing* com o egoísmo, pois os *phubbers* preferem os seus “eus online” sobre a interação social com outro indivíduo (GUAZZINI *et al.*, 2019). De forma a ilustrar os antecessores do *phubbing*, construiu-se a figura 2:

Figura 2 – Antecedentes do *Phubbing*

Fonte: elaborado pela autora

Os estudos mencionados acima foram aplicados em diversos contextos para verificar os impactos do *phubbing*. No que diz respeito aos estudantes, o comportamento interfere no tempo de estudo, trazendo prejuízo ao seu desempenho (ABRAMOVA et al., 2017). Porém, nem sempre os estudantes percebem que tal atitude os está prejudicando. Impactos negativos também estão presentes na relação entre pais e filhos (CARVAJAL, 2017). A autora expõe que muitos pais deixam de dar atenção para seus filhos por estarem focados em resolver pendências do trabalho que chegam via e-mail aos smartphones, gerando o termo “órfãos digitais”. Similarmente, o estudo de Oduor et al. (2016) mostra que os pais ficam frustrados quando os membros da família utilizam seus smartphones para atividades triviais mesmo na presença de outras pessoas.

Neste sentido, Cizmeci (2017), Wang et al. (2017), Knoll et al. (2017), D’Água e Patrão (2017) e Roberts e David (2015) trazem o problema para o âmbito dos relacionamentos amorosos. Conforme esses estudos, o *phubbing* não só traz impactos para a relação do casal como também aumenta os níveis de depressão, ansiedade e prejudica a confiança do par. Ainda, o uso do smartphone em momentos de intimidade, gera conflitos entre o casal.

Em se tratando das relações interpessoais, diversos estudos apontam que o comportamento do *phubbing* impacta a vida social, prejudicando o tempo dedicado a aproveitar com os amigos, tira a atenção das pessoas e reduz o senso de

pertencimento (DAVEY et al., 2018; CHOTPITAYSUNONDH; DOUGLAS, 2018, ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017; PEREDO, 2017, KARADAG et al., 2016; SOTO, 2015, ANGELUCI; HUANG, 2015). Também, o *phubbing* é responsável por despertar nos indivíduos que lidam com o comportamento, um sentimento de exclusão social, o que leva os mesmos a ter uma necessidade maior de atenção (DAVID; ROBERTS, 2017). Isso acaba por incentivá-los ainda mais a utilizar as mídias sociais, na esperança de recuperar o senso de inclusão, conforme os autores.

Logo, de maneira geral, destaca-se que de tanto compartilhar momentos em que são ignorados, os *phubbees* acabam repetindo o comportamento e se tornando *phubbers*, agindo de maneira intencional ou não (CHOTPITAYASUNONDH; DOUGLAS, 2018). Ainda, segundo os autores, essa atitude contribui para que o *phubbing* seja visto como algo passível de ser aceito na sociedade. O quadro 2 traz um resumo dos contextos nos quais o *phubbing* foi estudado, bem como dos resultados encontrados pelos autores:

Quadro 2 – Contextos e resultados do *phubbing*

Contexto	Autor	Análise	RESULTADOS
Relacionamento Familiar	Carvajal (2017)	Consequentes	O <i>phubbing</i> prejudica o relacionamento entre pais e filhos
Acadêmico	Abramova et al (2017); Fernandez (2018)	Consequentes	O <i>phubbing</i> interfere no tempo de estudo dos estudantes e, por vezes, seus efeitos são subestimados
Relacionamentos Amorosos	Cizmeci (2017) Wang et al (2017), Knoll et al (2017), D'Água e Patrão (2017), Roberts; David (2015)	Consequentes	Aumenta os problemas de confiança tornando os relacionamentos frágeis; impacta na depressão entre os adultos; gera conflito em função do uso do smartphone quando o casal está na intimidade; aumenta a ansiedade
Relações Sociais	Chotpitaysunondh; Douglas (2016), Karadag et al., (2015)	Antecedentes	Dependência de internet, Fear of Missing Out e autocontrole predizem o <i>phubbing</i> para os primeiros autores; Dependência de smartphone e internet, mensagens de texto, sites de redes sociais e jogos online predizem para os segundos autores.
	Davey et al (2018)	Antecedentes e consequentes	Dependência de internet e smartphone, Fear of Missing Out e falta de autocontrole vistos como os principais antecedentes. Já os consequentes foram impactos na vida social, nos relacionamentos, depressão e angústia
	Chotpitaysunondh; Douglas (2018), Rotondi; Stanca; Tomasuolo (2017), Peredo (2017), Karadag et al., (2016), Soto (2015), Garrido (2015), Angeluci; Huang (2015),	Consequentes	Afeta a qualidade da comunicação interpessoal face a face; prejudica o tempo em que se passa com os amigos; dificulta o contato através do olhar; pessoas desconectam-se do mundo à sua volta; reduz o senso de pertencimento
Profissional	Roberts; David (2017)	Consequentes	Reduz o engajamento dos funcionários, minando a confiança de supervisão

Fonte: elaborado pela autora com base nos autores do Periódicos Capes (2018)

Baseado nesses resultados, percebe-se que o uso frequente do smartphone em situações sociais impacta negativamente em todas as relações interpessoais. Os indivíduos, porém, parecem apresentar atitudes distintas quando estão em lados opostos (*phubbees* ou *phubbers*), como mostra o estudo de Aagaard (2019). Segundo o autor, quando estão sendo “vítimas” do *phubbing* as pessoas tendem a ficar chateadas e irritadas ao perceberem que o outro não está prestando atenção no que está sendo falado. Mas, quando elas estão praticando o *phubbing*, não parece ser uma atitude ruim. Todavia, os indivíduos são conscientes das consequências negativas do comportamento e tentam evitá-lo, apesar de continuarem a praticar (AAGAARD, 2019). Isso reforça a discussão de Chotpitayasunondh e Douglas (2016), de que o *phubbing* é um fenômeno cíclico: *phubbees* serão *phubbers* e vice-versa.

Contudo, as dimensões discutidas acima não abordam a questão das personalidades dos indivíduos e de que forma estas impactam no comportamento do *phubbing*. Segundo Guazzini et al. (2019), uma maneira de compreender melhor o comportamento seria investigar quais características individuais estão ligadas ao uso problemático do smartphone e, assim, traçar um perfil desse usuário. Ainda, segundo os autores, construtos como ansiedade, autoeficácia e personalidade não foram abrangidos em sua totalidade, tendo diversos estudos mostrado que essas particularidades podem desencadear comportamentos similares.

2.4 A personalidade e a tecnologia

A relação entre uso problemático do smartphone, dependência de internet e os traços de personalidade tem sido estudada há algum tempo pelos pesquisadores (ZHOU *et al.*, 2017). Isso porque a personalidade diz muito sobre um indivíduo, explica pensamentos, sentimentos e comportamentos que se associam para formar as características peculiares de cada um (PERVIN; JOHN, 1999). Logo, entender os traços de personalidade torna-se crucial para a compreensão das diferenças no comportamento de uso das tecnologias nas pessoas (GENNER, 2017).

Na área da psicologia, as teorias da personalidade abrangem estudos que vão desde Freud, Jung, Adler, Fromm, Horney, Sullivan, dentre outros (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2006). Contudo, apesar das inúmeras discussões sobre o conceito, ainda não foi possível chegar em um consenso sobre o que é de fato a personalidade. Sabe-se, porém, que existem diferentes abordagens para explicá-la; a psicanalítica,

neo-analítica (ego), biológica, behaviorista, cognitiva, traços, humanística e interacionista (FRIEDMAN; SCHUSTACK, 2004). O quadro 2 faz um resumo das principais características de cada abordagem:

Quadro 3 – Oito abordagens da personalidade

ABORDAGEM	CARACTERÍSTICA
Psicanalítica	Influências do inconsciente; os impulsos sexuais tornam-se relevantes mesmo em situações que não envolvam sexo.
Neo-Analítica	Analisa o <i>self</i> lidando com emoções e impulsos no interior das pessoas e as pressões do mundo exterior.
Biológica	Viés da herança biológica.
Behaviorista	Experiências de aprendizagem e sua influência na personalidade.
Cognitiva	Pensamento humano.
Traços	Utiliza a objetividade para analisar a personalidade.
Humanística	Natureza espiritual do indivíduo.
Interacionista	Diferentes personalidades conforme a circunstância.

Fonte: Adaptado de Friedman; Schustack (2004).

Com base no quadro 2, compreende-se então que a análise da personalidade investiga o comportamento real do indivíduo por meio de processos cognitivos que determinarão a motivação deste para se envolver em um ato particular (BARRICK *et al.*, 2002). Das abordagens apresentadas, destaca-se a dos traços de personalidade (ALLPORT; ALLPORT, 1921).

A abordagem dos Traços é a mais utilizada, principalmente no campo das pesquisas tecnológicas. Os traços, referem-se às respostas individuais frente a variadas situações e ajudam a explicar as atitudes das pessoas. Indicam que o comportamento está condicionado a uma característica individual e não da situação em que se encontra, sugerindo que um processo interno seja responsável pelo comportamento (SILVA; NAKANO, 2011).

Dentro da Teoria dos Traços, havia uma infinidade de termos para identificar os principais traços de personalidade. Segundo John e Srivastava (1999), os autores Allport e Odbert (1936) fizeram um compilado dessas terminologias que estavam presentes em um dicionário inglês chegando a um total de 18.000 palavras. Para tentar organizá-las de uma maneira mensurável, os autores criaram quatro categorias distintas. De lá para cá, o trabalho de Allport e Odbert (1936) sofreu modificações e resultou no chamado Modelo Big Five ou o Modelo dos Cinco Grandes Fatores (AGUIAR; ARAUJO; COSTA, 2015).

A origem do modelo se deu de maneira acidental, isto é, não foi através da teoria, partiu da observação dos adjetivos utilizados para descrever as pessoas (HUTZ *et al.*, 1998). O ponto forte do modelo é a capacidade de abrangência e seu “fôlego empírico” (GOMES; GOLINO, 2012), destacados pelas aplicações em diferentes contextos, tais como verificar a hereditariedade dos traços em gêmeos idênticos e fraternos (JANG; LIVESLEY; VEMON, 1996); identificar a relação dos traços com os valores pessoais (ROCCAS *et al.*, 2002); com o sucesso na carreira (JUDGE *et al.*, 1999); e, mais recentemente, com o uso do Facebook e os níveis de autoestima (ESKISU; HOSOGLU; RASMUSSEN, 2017).

O modelo Big Five compreende cinco dimensões em fatores amplos, os quais representam a personalidade em seu nível mais amplo de abstração. Cada fator tem sua contrapartida (Extroversão x Introversão), resume facetas tais quais a sociabilidade, que, por sua vez, contém um grande número de características ainda mais específicas. A estrutura do modelo sugere, de maneira geral, a divisão da personalidade humana em cinco domínios amplos e empiricamente derivados (GOSLING; RENTFROW; SWANN JR, 2003): neuroticismo (*neuroticism*), extroversão (*extroversion*), amabilidade (*agreeableness*), conscienciosidade (*conscientiousness*) e abertura às novas experiências (*openness to experience*). Cada fator é entendido como um polo no qual o indivíduo é caracterizado como possuindo maior ou menor incidência em cada dimensão (LOPES, 2018). Ainda, autores como James (1983) apontam que as pessoas, dependendo do número de situações ou relações que estão inseridos, podem manifestar personalidades diferentes.

O primeiro traço do modelo Big Five é o neuroticismo. Esse se caracteriza pela estabilidade emocional e a probabilidade de o indivíduo suportar elevada pressão mental (NAZRIF; LATIFF, 2013). Refere-se também a como as pessoas lidam com emoções negativas de estresse, ansiedade e depressão (KIRCABURUN; GRIFFITHS, 2018), contrastando a estabilidade e uniformidade emocional com essas emoções negativas (JOHN; SRIVASTAVA, 1999). Estudos mostram que as mulheres que apresentam esse traço se engajam mais em atividades online, como por exemplo, blogar (GUADAGNO *et al.*, 2008). Esse traço foi positivamente relacionado com o vício em internet, em exercícios físicos, compra compulsiva e em estudar (ANDREASSEN *et al.*, 2013).

Os indivíduos com maiores índices de neuroticismo são caracterizados como pessoas instáveis emocionalmente em seus relacionamentos interpessoais (LOPES,

2018). Estudos mostram que essa carga de instabilidade, correlaciona-se com uma predisposição ao desenvolvimento de dependência da Internet, por exemplo (KUSS, GRIFFITHS, BINDER, 2013; KUSS et al., 2014; HOSTOVECKY; PROKOP, 2018). Já Kuss *et al.* (2014) e Wu *et al.* (2015) pontuam que o neuroticismo aparece correlacionado com a dependência online, principalmente em adolescentes e jovens. Outros autores também pontuam que mulheres com maiores níveis de neuroticismo apresentam uma tendência maior para desenvolver comportamentos de *phubbing* (GRIFFITHS *et al.*, 2018).

O traço seguinte é a extroversão. Essa revela a tendência do indivíduo de ser amigável e capaz de receber emoções positivas (NAZRI; LATIFF, 2013). Indivíduos extrovertidos tendem a ser sociáveis, assertivos, falantes e ambiciosos, gostam de liderar conversas em situações sociais e tendem à impulsividade (OLOWODUNOYE; OLUSA; ADELINA, 2017; ROBERTS; PULLIG; MANOLIS, 2015). Quem possui essas características tende a carregar o celular consigo todo o tempo e se incomoda menos quando as outras pessoas usam seus celulares em locais públicos (LOVE; KEWLEY, 2003). Os adolescentes com esse traço, passam mais tempo online e utilizam a internet para estreitar seus laços de amizade (OLOWODUNOYE; OLUSA; ADELINA, 2017).

Índices altos nesse traço normalmente revelam indivíduos que preferem manter relações cara-a-cara em vez de virtuais (LOPES, 2018). Do mesmo modo, Lopes (2018) afirma que pessoas introvertidas tendem a desenvolver dependências online. Isso porque características comuns às pessoas introvertidas, como por exemplo a timidez e a vergonha, podem ser relacionadas com o fato do indivíduo preferir relacionamentos e/ou atividades na internet (WHAITE *et al.*, 2018). Sendo assim, a extroversão pode ser considerada um fator de proteção para a dependência online, enquanto que a introversão pode se apresentar como um fator de risco.

Como terceiro fator, tem-se a amabilidade. Pessoas amáveis são aquelas que se mostram mais fáceis de manter relações interpessoais (BENET-MARTÍNEZ, WALLER, 1997). Logo, autores como Duke e Montag (2017) a entendem como um fator averso à dependências online em geral. Indivíduos mais rudes, isto é, que apresentam baixos índices do traço, tendem a ser mais hostis e menos tolerantes com os demais (COSTA; MCCRAE, 1992; KUSS, et al., 2013).

Ademais, quem possui características da amabilidade é cortês, flexível, confiante, bem-humorado, cooperativo, perdoador, “coração-mole” e tolerante

(COOPER, 2003). Essas pessoas não encontrarão problemas para estabelecer laços sociais, assim como não usarão seus computadores e a própria internet como substitutos das relações sociais. Quando adolescentes, os homens apresentam menos tendências de dependência na internet enquanto as mulheres podem ter mais chances porque se envolvem mais nas relações online (OLWODUNOYE; OLUSA; ADELINA, 2017).

Já o quarto traço é a conscienciosidade, cujo perfil do indivíduo tende a ser cuidadoso, minucioso, responsável, diligente, organizado, ambicioso e determinado (COOPER, 2003), ou seja, características de pessoas que são diretas e persistentes em seus objetivos (NAZRI; LATIFF, 2013). Esse traço de personalidade é mais cauteloso quando utiliza as redes sociais, prefere experiências reais (fora do mundo virtual) e é um dos que mais exclui seu perfil do Facebook (TAS; AYAS, 2015).

Pessoas que apresentam índices mais elevados da presença desse traço são disciplinadas, responsáveis e conseguem focar mais em suas tarefas (BENET-MARTÍNEZ, WALLER, 1997). Por apresentar tais características, menos se nota a tendência à dependências online em indivíduos com esse traço elevado (HUSSAIN; PONTES, 2018). Por outro lado, um estudo com trabalhadores mostrou que pessoas com índices mais baixos desse traço são mais suscetíveis ao vício em tecnologia, principalmente durante o horário de trabalho (BUCKNER *et al.*, 2012).

O quinto e último traço é a abertura a novas experiências. Pessoas com essas características são imaginativas, orientadas intelectualmente, apreciam as artes e a cultura de modo geral (ANDREASSEN *et al.*, 2013; COOPER, 2003). Além disso, pessoas com maior ocorrência desse traço apresentam um comportamento de curiosidade e exploração do mundo da internet podendo resultar em níveis de dependência (KUSS, *et al.*, 2013; WANG *et al.*, 2015). Esse é um traço que mostra tendências a consumir substâncias ilícitas, dependência de internet e de jogos online (KUSS *et al.*, 2013), porém não é possível fazer generalizações.

De maneira geral, pode-se destacar que sujeitos amáveis e conscienciosos passam menos tempo online e, os tidos como “conscienciosos” usam seu tempo no mundo virtual para atividades acadêmicas e profissionais (LANDERS; LOUNSBURY, 2006). Já outros estudos apontam que o traço da extroversão é relacionado negativamente a maior incidência de dependência online, bem como com o tempo que esse indivíduo passa online (MOTTRAM; FLEMING, 2009). Nesse sentido, os autores Cullen e Morse (2011) corroboram a afirmação de que pessoas mais amáveis e

consciosas ficam menos tempo online. Porém, esses autores afirmam que pessoas com incidência de neuroticismo ficam conectados por mais tempo, pois conseguem manter contato com pessoas que possuem pensamentos e atitudes parecidas através das redes sociais e chats.

Buscando complementar a discussão sobre os cinco grandes traços, a figura 3 proposta por Costa e McCrae (1992) ilustra um resumo das principais características dos indivíduos que as apresentam:

Figura 3 – Características e escalas dos cinco grandes traços

Características do indivíduo que apresenta um resultado alto	Escalas de traços	Características do indivíduo que apresenta um resultado baixo
Preocupado, nervoso, emotivo, inseguro, inadequado, hipocondríaco	NEUROTICISMO (N) Avalia ajustamento <i>versus</i> instabilidade emocional. Identifica indivíduos propensos a perturbações psicológicas, idéias irrealistas, necessidades ou ânsias excessivas e respostas mal-adaptativas	Calmo, descontraído, não-emotivo, forte, seguro, auto-satisfeito
Sociável, ativo, falante, orientado para as pessoas, otimista, divertido, afetuoso	EXTROVERSÃO (E) Avalia a quantidade e intensidade de interações interpessoais; nível de atividade; necessidade de estimulação; e capacidade de alegrar-se	Reservado, sóbrio, contraído, indiferente, orientado para tarefas, desinteressado, quieto
Curioso, interesses amplos, criativo, original, imaginativo, não-tradicional	ABERTURA (O) Avalia a atividade proativa e a apreciação da experiência por si só; tolerância e exploração do que não é familiar	Convencional, sensato, interesses limitados, não-artístico, não-analítico
Generoso, bondoso, confiante, prestativo, clemente, crédulo, honesto	AMABILIDADE (A) Avalia a qualidade da orientação interpessoal do indivíduo ao longo de um contínuo da compaixão ao antagonismo em pensamentos, sentimentos e ações	Cínico, rude, desconfiado, não-cooperador, vingativo, inescrupuloso, irritável, manipulador
Organizado, confiável, trabalhador, auto-disciplinado, pontual, escrupuloso, assíduo, ambicioso, perseverante	CONSCIÊNCIA (C) Avalia o grau de organização, persistência, e motivação do indivíduo no comportamento dirigido para os objetivos. Compara pessoas confiáveis e obstinadas com aquelas que são apáticas e descuidadas	Sem objetivos, não-confiável, preguiçoso, descuidado, negligente, relaxado, fraco, hedonístico

Fonte: Costa e McCrae (1992)

A figura mostra as características associadas aos cinco traços, mostrando os dois polos: “para mais”, no qual o indivíduo seria representativo do traço e, “para menos”, no qual o indivíduo é pouco associado ao traço em questão. Destaca-se que os traços são “somados” (CAVALCANTE, 2016), ou seja, uma pessoa nunca poderá ser somente extrovertida, ela irá apresentar características de todos os traços, mas pontuará mais no quesito extroversão, por exemplo.

Como se percebe, há muito o que discutir em relação aos traços de personalidade. Espera-se, com a presente pesquisa, conseguir estabelecer relações entre os cinco grandes traços e o fenômeno do *phubbing*. Desse modo, a próxima

seção trará a metodologia que se pretende utilizar para responder ao problema e aos objetivos propostos.

3 METODOLOGIA

O estudo busca entender qual a relação entre os traços de personalidade individuais e a prática do *phubbing*. Desse modo, essa seção apresentará a metodologia empregada para atingir os objetivos propostos, mostrando o método a ser utilizado, a técnica de coleta e, também, a de análise dos dados.

3.1 Características da pesquisa

A presente pesquisa possui natureza empírica e foi de abordagem quantitativa. Considerando que a discussão sobre a temática do *phubbing* é recente no país, dada a escassez de pesquisas relacionadas ao fenômeno, o estudo caracteriza-se como exploratório, no que tange à evolução do tema. A pesquisa exploratória tem por característica a descoberta sobre determinado assunto tornando o problema familiar ao pesquisador; serve para aprimorar ideias e descobrir intuições (GIL, 2002).

Além disso, por visar compreender a relação existente entre os traços de personalidade e o *phubbing*, a pesquisa caracteriza-se também como explicativa. Segundo Gil (2002), os estudos explicativos preocupam-se em identificar os fatores determinantes ou que contribuam para que ocorra um determinado fenômeno. Para tal, necessitam de uma análise estatística mais aprofundada como a análise multivariada (RICHARDSON *et al.*, 2012).

3.2 Método

Por se tratar de uma pesquisa de abordagem quantitativa, o método utilizado é o levantamento, também chamado de *survey*. Esse método parte da interrogação da amostra de maneira direta, através da solicitação de dados que versam sobre o problema estudado. Feita a tabulação, parte-se para a análise quantitativa com vistas a obter as conclusões que correspondem aos objetivos (GIL, 2002).

Boa parte das pesquisas de levantamento são feitas com base em questionários, que podem ser respondidos por via escrita ou oral (FLICK, 2013). O método possibilita conhecer a realidade de maneira direta, econômica e rápida, além

de proporcionar o agrupamento dos dados em planilhas fornecendo uma riqueza na análise estatística (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Logo, é preciso o estabelecimento das variáveis que serão analisadas. Por se tratar de um estudo que investigou questões psicológicas inerentes aos indivíduos, as variáveis foram tratadas como *quantitativas categóricas*. Isso porque sua medida decorre de observações cuja expressão se dá por meio de categorias de atributos qualitativos que são passíveis de serem convertidos em números (RAUEN, 2012). Assim, as variáveis são os cinco traços da personalidade (neuroticismo, extroversão, amabilidade, conscienciosidade e abertura às experiências) e o *phubbing*.

3.3 Técnica e instrumento de coleta

A técnica de coleta escolhida para a pesquisa é o questionário. Hair *et al.* (2005) o definem como o conjunto de perguntas criado para medir características de pessoas, empresas e fenômenos, geralmente empregados a fim de obter grandes quantidades de dados.

O instrumento de pesquisa foi elaborado com base em duas escalas testadas e validadas em estudos anteriores: o *Phubbing Scale* desenvolvido por Karadag *et al.* (2015), composto por 10 afirmativas com escala do tipo Likert de 5 pontos; e, o *Big Five Inventory (IGFP-5)* de John; Donahue e Kentle (1991) traduzido para a língua portuguesa por Andrade (2008), composto por 44 afirmativas também em uma escala tipo Likert de 5 pontos. O instrumento contava ainda com uma pergunta filtro para saber se o respondente era estudante universitário. Caso a resposta fosse negativa, o mesmo era direcionado para o final do questionário.

O questionário do *Phubbing* que compõe o primeiro bloco do instrumento estava em língua inglesa, sendo necessária, portanto, sua tradução. Para tal, seguindo as recomendações de Beaton *et al.* (2000), o mesmo foi enviado a dois professores especialistas na área de TI que dominavam o idioma inglês. Com as duas traduções, fez-se um paralelo para verificar as similaridades e confrontar as diferenças entre ambas. Auxiliados por um terceiro especialista, chegou-se a versão final que foi submetida a um pré-teste com 25 alunos de uma universidade pública para checar se as questões estavam compreensíveis.

Após o pré-teste, verificou-se que duas das questões do questionário foram apontadas como semelhantes na sua interpretação semântica. Isso se deu em função

da tradução dos termos “I’m busy” e “I’m always busy” que, em português, não se conseguiu escrever de forma mais clara. Desse modo, dada a semelhança, optou-se por retirar uma das questões, sem prejudicar o restante do instrumento.

Já o IGFP-5, segundo bloco do instrumento, foi elaborado originalmente em inglês por John; Donahue e Kentle (1991), possui 44 itens em uma escala tipo Likert de 5 pontos, sendo “1” equivalente a discordo totalmente e “5” a concordo totalmente. Andrade (2008) fez a tradução do IGFP-5 em português, em sua versão, a escala foi reduzida de 44 para 34 questões. Nessa pesquisa apenas as afirmativas foram reescritas de maneira a trazê-las para a primeira pessoa, dadas as sugestões dos pré-testes.

Por fim, o terceiro bloco do questionário foi composto por questões de perfil, abordando idade, sexo, estado civil, universidade, quanto tempo possui smartphone, quais os aplicativos que mais utiliza e para quais atividades usa seu aparelho. O quadro 4 mostra os aspectos abordados pela pesquisa e as variáveis utilizadas. Além disso, o instrumento de coleta de dados está incluído no Apêndice deste trabalho.

Quadro 4 – Descrição do instrumento

ASPECTOS	VARIÁVEIS	AUTORES
<i>Phubbing</i>	1 a 9 - Bloco 1	Karadag <i>et al</i> (2015)
<i>Big Five Inventory</i>	10 a 44 – Bloco 2	John; Donahue e Kentle (1991) adaptado por Andrade (2008)
Perfil demográfico	45 a 54 – Bloco 3	Elaborado pela autora

Fonte: elaborado pela autora

3.4 População e Amostra

A população alvo do estudo compreendeu os estudantes das universidades públicas brasileiras, sendo um total de 1.990.078, de acordo com dados da Sinopse da Educação Superior (2016) divulgada pelo Ministério da Educação. Destaca-se que as faculdades privadas não foram consideradas neste estudo.

Logo, a escolha da população ocorreu em virtude da facilidade de acesso, bem como em razão desses indivíduos estarem em constante contato com as tecnologias. Além disso, verificou-se a existência apenas um estudo nacional cuja finalidade era investigar o comportamento do *phubbing*, porém, tal pesquisa teve como objeto discentes da região sudeste do país (ANGELUCI; HUANG, 2015), sinalizando uma lacuna a ser preenchida pela presente dissertação.

Desse modo, considerando que a população alvo é ampla, porém finita, precisou-se fazer o cálculo da amostragem. Optou-se pela amostragem aleatória simples porque toda a população tem chance de ser incluída, o que reduz a chance dela ser tendenciosa levando a inferências imprecisas sobre a população (AGRESTI; FINLAY, 2012). Para o cálculo, utilizou-se o método de Martins (2011) seguindo a operação apresentada na equação 1:

$$n = \frac{(Z^2 \cdot p \cdot q \cdot N)}{e^2 (N - 1) + Z^2 \cdot p \cdot q} \quad (1)$$

Na qual:

n= tamanho da amostra;

Z= abscissa da distribuição normal padrão, fixado um nível de confiança g;

p= estimativa da proporção;

q= 1 – p;

N= tamanho da população;

e= erro amostral;

Para realizar o cálculo, tomou-se por referência o valor de 1.990.078 para a população finita de universitários brasileiros, um erro de 2%, com 95% de confiança e uma proporção de 0,2472 de estudantes de universidades públicas em relação ao número total de estudantes universitários do país. O resultado do cálculo resultou em uma amostra de 1786 indivíduos.

Tendo o número de respondentes necessários, fez-se um levantamento dos e-mails das universidades públicas para que o instrumento de pesquisa pudesse ser encaminhado. Optou-se por selecionar os contatos das pró-reitorias de graduação de cada universidade, chegando a um total de 96 e-mails coletados. Doze universidades apresentavam formulário próprio para envio diretamente no site no campo “Contato”, desse modo, o e-mail apresentando a pesquisa contendo o link para o instrumento foi submetido via Portal Web. Ressalta-se aqui que os Institutos Federais de Educação não foram considerados parte da amostra em virtude de ofertarem o Ensino Médio, cujos estudantes não representavam a população estudada na presente pesquisa.

Dado que a coleta de dados ocorreu durante o término do período letivo do ano de 2018, optou-se por divulgar o link da pesquisa também via grupos do Facebook das universidades selecionadas. A pesquisadora solicitou a entrada, apresentando o motivo pelo qual estava interessada no grupo e fez a divulgação. Durante a coleta, os

e-mails eram reenviados duas vezes na semana e as postagens no Facebook realizadas a cada três dias.

Ao final da coleta, chegou-se a um número de 2175 questionários respondidos. No entanto, após o processo de tabulação, 389 observações não foram consideradas aptas e válidas, sendo que 334 foram excluídas em virtude de apresentarem respostas negativas à pergunta filtro e 55 questionários foram considerados inválidos por apresentarem erros de preenchimento e/ou não apresentarem todas as informações solicitadas. Com isso, obteve-se o número necessário de 1786 respostas para as análises.

3.5 Mensuração dos objetivos

Apresentados os instrumentos que serão utilizados na coleta de dados, mostra-se no quadro 6 a maneira como esses serão utilizados na mensuração dos objetivos. O questionário correspondente pode ser encontrado no apêndice desse trabalho.

Quadro 5 – Objetivos e mensuração

OBJETIVO	VARIÁVEL UTILIZADA	INSTRUMENTO	QUESTÕES CORRESPONDENTES
a) Identificar o nível de comportameto de phubbing nos universitários brasileiros;	<i>Phubbing</i>	KARADAG et al. (2015)	<i>Phubbing Scale</i> (Questões 1 a 9)
b) Verificar a Influência do sexo, idade e estado civil no comportamento de phubbing dos universitários brasileiros;	<i>Phubbing</i>	KARADAG et al (2015)	<i>Phubbing Scale</i> (Questões 1 a 9)
	Sexo, idade, estado civil	Elaborado pela autora	Questionário de Perfil (Questões 45, 46 e 48)
c) Identificar quais os traços de personalidade mais presentes nos universitários brasileiros	Neuroticismo; Extroversão; Amabilidade; Conscienciosidade; Abertura a experiências;	IGFP-5 de JOHN; DONAHUE E KENTLE (1991) adaptado por ANDRADE (2008)	Neuroticismo (10-11R-12R-13R-14-15) Extroversão (16-17-18R-19R-20-21-22-23R) Amabilidade (24-25-26) Conscienciosidade (27-28-29R-30R-31-32R-33-34R) Abertura às experiências (35-35-37-38-39-40-41-42-43R-44)
d) Identificar a influência dos traços de	<i>Phubbing</i>	KARADAG et al (2015)	<i>Phubbing Scale</i> (Questões 1 a 9)

personalidade no comportamento do phubbing dos universitários brasileiros	Neuroticismo; Extroversão; Amabilidade; Conscienciosidade; Abertura a experiências;	IGFP-5 de JOHN; DONAHUE; KENTLE (1991) adaptado por ANDRADE (2008)	Neuroticismo (10-11R-12R-13R-14-15) Extroversão (16-17-18R-19R-20-21-22-23R) Amabilidade (24-25-26) Conscienciosidade (27-28-29R-30R-31-32R-33-34R) Abertura às experiências (35-35-37-38-39-40-41-42-43R-44)
---	---	---	---

Fonte: elaborado pela autora

A forma de análise dos objetivos será apresentada na seção seguinte.

3.6 Análise dos dados

A análise dos dados da pesquisa aconteceu da seguinte forma: como o instrumento foi submetido via e-mail e grupos do Facebook, utilizando a ferramenta do *Google Docs*, fez-se a exportação dos dados para uma planilha do *Excel*. Seguindo as recomendações de Creswell (2010), em um primeiro momento, realizou-se a caracterização da amostra com base nos dados demográficos obtidos na seção de perfil do questionário, assim como uma estatística descritiva das variáveis, mensurando médias, desvios-padrão e as variações de pontuação com o auxílio do software estatístico SPSS.

Para o primeiro objetivo, executou-se uma estatística descritiva do construto *phubbing*. Além disso, foram construídos intervalos para a mensuração do nível de comportamento de *phubbing*. Estabeleceu-se que indivíduos com pontuação mínima de 9 pontos não praticariam *phubbing*; já os intervalos de 10 a 21 pontos foram considerados como “*phubbing* de grau leve”; os de pontuação 22 a 33 seriam de “grau moderado”; e, de 34 a 45 um “grau intenso” de *phubbing*.

Já no segundo objetivo, utilizou-se a regressão linear múltipla para estimar qual(is) das variáveis independentes influencia mais a dependente (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Nas variáveis sexo e estado civil, optou-se pela utilização de variáveis dummy, nas quais 0 representa masculino e 1 feminino no que se refere ao sexo; e, 0 representa pessoas que não têm parceiros (solteiros, divorciados e viúvos) e 1 para as que possuem companheiros (namorando, casados e união estável). Na variável idade utilizou-se o valor numérico. Construiu-se então a seguinte equação (1) de regressão:

$$Ph = \beta_0 + \beta_1 S + \beta_2 I + \beta_3 EC + e \quad (1)$$

Onde:

Ph = Média do *Phubbing*

S = Sexo (0 masculino; 1 feminino)

I = Idade (número)

EC = Estado Civil (0 pessoas que não têm parceiros; 1 para as que possuem)

e = Termo de erro

No que diz respeito ao terceiro objetivo, foi feita a estatística descritiva de cada afirmativa referente aos traços de personalidade, bem como foram construídos intervalos de pontuação para cada traço utilizando o somatório das pontuações das respostas dadas pelos universitários. Considerando que cada traço possuía um número de afirmativas específicas, efetuou-se a construção de três níveis de pontuação. Quanto mais alto o valor da pontuação, mais o indivíduo apresenta características relacionadas ao traço. Os intervalos ficaram estruturados da seguinte forma:

Quadro 6 – Pontuações para os traços de personalidade

TRAÇO	PONTUAÇÃO
Neuroticismo	6 a 30 pontos
Extroversão	8 a 40 pontos
Conscienciosidade	3 a 15 pontos
Amabilidade	8 a 40 pontos
Abertura às experiências	9 a 45 pontos

Fonte: elaborado pela autora

Tal qual o segundo, para o quarto objetivo também utilizou-se a regressão linear múltipla visando identificar qual dos traços de personalidade mais influencia o *phubbing*. Nesse caso, considera-se que os cinco traços de personalidade representam as variáveis independentes e o *phubbing* é a variável dependente. Assim, a equação 2 foi estimada:

$$Ph = \beta_0 + \beta_1 N_1 + \beta_2 E_2 + \beta_3 A_3 + \beta_4 C_4 + \beta_5 O_5 \quad (2)$$

Onde:

Ph = Média do *Phubbing*

N₁ = Média do Neuroticismo

E₂ = Média da Extroversão

A₃ = Média da Amabilidade

C₄ = Média da Conscienciosidade

O₅ = Média da Abertura às novas experiências

Ressalta-se que o nível de significância adotado para os testes foi de 5%. Para concluir, o quadro 7 traz um resumo dos objetivos e as estatísticas que serão utilizadas em cada um:

Quadro 7 – Objetivos e técnicas de análise estatística

OBJETIVO	ESTATÍSTICA
a) Identificar o nível de comportamento de phubbing nos universitários brasileiros usuários de smartphone;	Estatística descritiva
b) Verificar a Influência do sexo, idade e estado civil no comportamento de phubbing dos universitários brasileiros usuários de smartphone;	Regressão Linear Múltipla
c) Identificar quais os traços de personalidade mais presentes nos universitários brasileiros usuários de smartphone;	Estatística Descritiva
d) Identificar a influência dos traços de personalidade no comportamento do phubbing dos universitários brasileiros usuários de smartphone;	Regressão Linear Múltipla

Fonte: elaborado pela autora

A seção seguinte apresenta a discussão dos resultados encontrados.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O surgimento dos celulares inteligentes facilitou a vida das pessoas ao agregar diversas funcionalidades a um único aparelho. Conversar, acessar a internet, fazer pesquisas, ouvir músicas e jogar são algumas das atividades que podem ser realizadas a qualquer hora e em qualquer lugar. Porém, ao mesmo tempo em que o aparelho beneficia o usuário, seu uso excessivo pode causar incômodos às pessoas que convivem com ele.

Nesse contexto, surge o comportamento do *phubbing* que vem do ato de ignorar quem está próximo para prestar atenção em seu smartphone. Vários autores já tem estudado os antecedentes desse comportamento, descobrindo que as redes sociais, a internet e o medo de ficar sem notícias sobre o que está acontecendo (FoMO) são alguns dos antecedentes (causadores) desse comportamento.

Todavia, características pessoais dos indivíduos, tais como os traços de personalidade, ainda não foram investigados como antecedentes do *phubbing*. Sabe-se, por exemplo, que indivíduos com presença do traço neuroticismo são mais suscetíveis a dependência tecnológica (KUSS, GRIFFITHS, BINDER, 2013; KUSS et al., 2014; HOSTOVECKY; PROKOP, 2018). E que indivíduos amáveis e conscienciosos não são (CULLEN; MORSE, 2011). Desse modo, com essa pesquisa, objetivou-se identificar se os indivíduos com esses traços de personalidade são mais propensos à prática do *phubbing*.

Nesta seção serão apresentados os resultados encontrados após a coleta de dados. A presente seção está dividida em 5 subseções. A primeira elucida o perfil geral da amostra; a segunda discute o nível de *phubbing* nos universitários; a terceira apresenta a influência do sexo, idade e estado civil no comportamento do *phubbing*; a quarta seção discute os traços de personalidade mais presentes nos universitários; e, ao final a subseção apresenta quais traços de personalidade influenciam o *phubbing*.

4.1 Perfil da amostra

Conforme mencionado na seção da metodologia, o público-alvo deste estudo eram estudantes universitários. Assim, a amostra foi constituída de 1786 estudantes de universidades públicas de todo o país. Desses respondentes, identificou-se que a

média de idade geral foi de 23,5 anos, com idades entre 17 e 64 anos. A maior frequência de respondentes possuía 21 anos. Quanto ao sexo 57,45% eram mulheres com média de idade de 23,6 anos com moda de 21 anos. Já os homens, representam 42,55% da amostra, com média de idade de 23,4 anos com moda, também, de 21 anos.

Ainda, da totalidade da amostra, 6,55% representam a região Norte do país; 2,23% a região Centro-Oeste; 8,06% a região Sul; 22,4% a região Nordeste; e, 60,75% a região Sudeste. No que diz respeito ao estado civil, 85,33% da amostra é solteira e 13,55% estão em algum tipo de relacionamento. Desses indivíduos, 92,5% disseram não possuir filhos. Além disso, quando perguntados se moravam sozinhos, 18,08% disseram que sim, 15,06% moram com os companheiros, 26,20% com amigos e 40,65% moram com os pais. O quadro 8 traz o resumo do perfil apresentado:

Quadro 8 – Perfil da amostra

VARIÁVEIS		PERCENTUAL
Gênero	Masculino	42,55%
	Feminino	57,45%
Idade	Até 24 anos	73,29%
	De 25 a 36 anos	22,22%
	De 37 a 48 anos	3,08%
	Acima de 49 anos	1,4%
Estado Civil	Solteiro(a)	85,33%
	União Estável	6,33%
	Casado(a)	7,22%
	Divorciado(a)	1,06%
	Viúvo(a)	0,06%
Status de Relacionamento	Mora sozinho(a)	18,08%
	Moro com companheiro(a)	15,07%
	Moro com amigos	26,20%
	Moro com meus pais	40,64%
Possui Filhos?	Sim	7,49%
	Não	92,48%
Região do país	Norte	6,55%
	Nordeste	22,4%
	Centro-Oeste	2,23%
	Sudeste	60,75%
	Sul	8,06%

Fonte: elaborado pela autora com dados da pesquisa

Percebe-se pelo quadro que os respondentes de modo geral são jovens, solteiros, que moram com os pais e, em sua maioria, vêm da região sudeste do país. Ao todo, 60 universidades participaram desta pesquisa. As três universidades com

maior número de respondentes foram a Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) com 52,18% de respostas, Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA) com 16,29% e a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) com 4,76%. As demais universidades compõem os 26,77% restantes.

Visando descobrir sobre os hábitos de uso do smartphone pelos universitários, foram realizadas questões relativas a quanto tempo possuem o aparelho, qual a sua finalidade de uso e quais os aplicativos mais utilizados. O tempo médio que os respondentes declararam possuir smartphone foi de 5,5 anos, sendo que o mínimo registrado foi de 1 ano e o máximo de 9 anos. Quando perguntados sobre qual a finalidade do uso do aparelho, os respondentes poderiam marcar mais de uma opção. Logo, 1627 declararam que o utilizam para acessar as redes sociais, 1512 assistem a vídeos, 1475 ouvem música, 1410 o utilizam para verificar e responder e-mails, 1331 para efetuar e receber ligações e 1328 para troca de mensagens.

Quanto aos aplicativos utilizados, também era disponibilizado aos respondentes que marcassem mais de uma opção. Sendo assim, o mensageiro Whatsapp é utilizado por 1713 pessoas, seguido do Youtube com 1286 respostas, Instagram com 1270 e Facebook com 1228. Após apresentar o perfil dos respondentes, as seções seguintes mostrarão as análises dos fatores comportamentais desses indivíduos: *phubbing* e os Cinco Traços da Personalidade.

4.2 Estatística descritiva e nível do construto *phubbing*

O primeiro construto estudado foi o *phubbing*, o qual foi estruturado utilizando o questionário proposto por Karadag et al. (2015). O instrumento original em inglês é composto de 10 questões. Em função da semelhança semântica entre duas afirmativas detectadas durante o pré-teste, o questionário foi adaptado e optou-se por excluir uma delas. O quadro 9 mostra as afirmativas que compõe o fator e a estatística descritiva resultante das análises.

Quadro 9 – Estatística Descritiva do construto *Phubbing*

FATOR	VARIÁVEL	Média	Moda	Desvio-Padrão
<i>Phubbing</i>	Meus olhos se distraem no meu smartphone mesmo quando estou junto com outras pessoas.	3,16	3	1,06
	Eu estou sempre usando meu smartphone quando estou com os meus amigos.	2,75	2	1,07
	As pessoas reclamam sobre meu comportamento de uso do smartphone.	1,93	1	1,01
	Eu acho que não incomodo meu parceiro quando estou mexendo no meu smartphone.	2,58	2	1,27
	Meu smartphone está sempre ao meu alcance.	4,10	5	1,06
	Quando eu acordo, a primeira coisa que faço é verificar meu smartphone	4,15	5	1,18
	Eu me sinto incompleto sem o meu smartphone.	3,08	3	1,35
	O tempo em que passo no meu smartphone aumenta dia a dia.	2,54	3	1,15
	O tempo que destino para atividades sociais, pessoais ou profissionais diminui por causa do meu smartphone.	2,32	1	1,26

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Através do quadro, destaca-se que as afirmativas “Meu smartphone está sempre ao meu alcance” e “Quando eu acordo, a primeira coisa que faço é verificar meu smartphone” obtiveram as maiores médias de pontuação. Isso mostra que o aparelho acompanha os usuários a todos os lugares e em todas as situações (HAMANN, 2016; CHUN, 2018), bem como o seu tempo de uso é estendido (TUREL; SERENKO; GILES, 2011) e problemas como a FoMO – medo de ficar sem notícias - (Przybylski *et al.*, 2013) são potencializados, visto que a maioria checa as atualizações do celular assim que acorda. Além das médias, cabe destacar também a moda (alternativa mais marcada) das respostas. Ambas as questões tiveram como moda a alternativa “5” na escala tipo Likert que corresponde a “sempre”.

Ainda, salienta-se a afirmativa “As pessoas reclamam sobre meu comportamento de uso do smartphone” que obteve a menor média (1,93) e uma das menores modas (1) entre as questões do instrumento de *phubbing*. Segundo Marino (2018), as pessoas não conseguem perceber e tampouco consideram que seu hábito de uso do smartphone é um problema. Logo, por mais que os demais reclamem do comportamento, o usuário não leva a sério. Tal afirmativa também se aplica à última questão de que “o tempo que destino para atividades sociais, pessoais ou

profissionais diminui por causa do meu smartphone” que, apesar de não ter apresentado média tão baixa, obteve pontuação 1 na moda, que correspondia a alternativa “nunca” no questionário. Ou seja, o tempo pode até diminuir, mas o usuário dificilmente perceberá isto.

De maneira geral, as afirmativas relacionadas ao comportamento de *phubbing* foram descritas como ocorrendo “às vezes”, tanto que a categoria que mais se repetiu (vide moda) foi a 3 (às vezes). Em média, os respondentes se situam em 2,96, o que é próximo à categoria da moda. Eles também se desviam 0,71 unidades da escala e, também, qualificaram seus comportamentos nos pontos extremos “nunca” (1) e “sempre”(5).

Quadro 10 – Estatística Descritiva do *Phubbing*

PHUBBING	
Média	2,96
Moda	3
Desvio Padrão	0,71
Mínimo	1
Máximo	5

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Assim sendo, buscou-se identificar o nível de *phubbing* nos universitários brasileiros. Para tal, estabeleceu-se quatro níveis diferentes do comportamento, de acordo com a frequência da resposta dos indivíduos. O primeiro nível é classificado como “não praticante”, no qual o respondente deve ter marcado até 9 pontos; o segundo nível é o “*Phubbing* de grau leve” com pontuação de 10 a 21 pontos; o terceiro é o “*Phubbing* de grau moderado” indo de 22 a 33 pontos; e, o último nível é o “*Phubbing* de grau intenso” com pontos entre 34 e 45. A distribuição dos níveis e a frequência pode ser vista no quadro 11:

Quadro 11 – Graus do *Phubbing*

NÍVEIS DE PHUBBING	PONTUAÇÃO	FREQUÊNCIA
Não Pratica	9 pontos	0,18%
Grau Leve	10 a 21 pontos	20,66%
Grau Moderado	22 a 33 pontos	64,27%
Grau Intenso	34 a 45 pontos	14,89%

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

A partir do quadro, observa-se que a maioria dos universitários se encaixa no “grau moderado” de *phubbing*, com 64,27%. Dos 35,73% restantes, 0,18% destacaram-se por não praticarem o *phubbing*. Estes, são dois homens e uma mulher, com idades de 25, 23 e 34 anos respectivamente; um dos homens e a mulher residem com seus companheiros, enquanto o outro homem mora com amigos. Possuem smartphone há 5 anos em média, o utilizam para efetuar e receber ligações, assistir a vídeos e trocar mensagens de texto com amigos e familiares.

Já sobre os 14,89% que apresentaram “grau intenso” do comportamento de *phubbing*, observa-se que 172 deles eram mulheres, o que se opõe ao estudo de Bianchi e Phillips (2005) que aponta os homens como potenciais usuários problemáticos de smartphone. Ademais, ressalta-se que da totalidade de usuários com “grau intenso”, 3 deles marcaram “sempre” nas nove afirmativas do construto. Esses universitários são duas mulheres e um homem, com idades de 21, 32 e 25 anos respectivamente; as duas mulheres moram com os pais e o homem mora com amigos, além disso todos não possuem companheiro e nem filhos.

As duas mulheres são da região Nordeste do país e o homem é da região Sul, possuem smartphone há 6 anos em média e marcaram todas as opções disponíveis no campo destinado às atividades para as quais utilizam o smartphone. Os aplicativos indicados por esses usuários como os mais usados foram os de rede sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e Whatsapp). Esses, são apontados como potencializadores do comportamento de *phubbing* (KUSS; GRIFFITHS, 2017), visto que antes era possível acessá-los somente via navegador web e hoje estão disponíveis em formato de aplicativo (KARADAG *et al.*, 2015).

De modo geral, o nível de *phubbing* da amostra como um todo foi classificado como moderado, pois em média a pontuação total foi de 26,6 pontos. A subseção seguinte apresenta quais variáveis influenciam o comportamento do *phubbing*.

4.3 Variáveis sexo, idade, estado civil e o comportamento de *phubbing*

Como se sabe o *phubbing* é caracterizado por ser o ato de ignorar alguém para prestar atenção em seu celular. Autores apontam que a incidência do fenômeno seja maior em indivíduos jovens, do sexo feminino (GRIFFITHS *et al.*, 2018, KARADAG *et al.*, 2015). Ademais, o comportamento é observado entre casais

trazendo prejuízos a relação tais como desconfiança, depressão e ansiedade (CIZMECI, 2017, WANG *et al.*, 2017, ROBERTS; DAVID, 2015).

Buscando verificar se os resultados dessa pesquisa estão de acordo com a literatura, analisou-se a influência do sexo, idade e estado civil no comportamento de *phubbing* dos universitários brasileiros. Para tal, um modelo de regressão linear múltipla foi estimado, assumindo a variável *phubbing* como dependente e sexo, idade e estado civil como independentes e um nível de significância de 5%. Os resultados da estimação podem ser vistos no quadro 12:

Quadro 12 – Parâmetros do modelo de regressão múltipla da relação entre sexo, idade e estado civil e o *phubbing*

MODELO	Coefficientes β	T	Valor P
Constante	2,969	72,186	0,000
Sexo **	0,098	2,889	0,004
Idade	-0,002	-1,535	0,125
Estado Civil *	-0,097	-1,936	0,053
R ²	0,009		

Nota: *(p<0,1) e **(p<0,01)

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Pelos parâmetros estimados, evidencia-se a existência de influência da variável sexo no comportamento de *phubbing* com um nível de significância de 1%. Como a variável sexo foi considerada como dummy, ao analisar o coeficiente angular desse fator, pode-se perceber que quando o indivíduo é do sexo feminino (1), há um aumento de aproximadamente 0,1 na escala tipo Likert da frequência de *phubbing*. Quando o indivíduo é do sexo masculino (0), o comportamento não se altera, mantendo-se em 2,969, com os demais fatores constantes.

De modo menos intenso, mas também significativo a um nível de 10%, a variável “estado civil” influencia negativamente o comportamento de *phubbing*. Nesse caso, universitários que possuem um companheiro (variável dummy 1) teriam seu nível de comportamento reduzido em 0,097 pontos na escala de frequência do *phubbing* em relação àqueles que não possuem parceiros (0). A variável idade não se mostrou significativa no modelo. Ainda, cabe destacar que o coeficiente de determinação do modelo indica que somente 0,9% da variação do *phubbing* é explicada pelas variáveis investigadas.

4.4 Estatística descritiva do Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade

Como parte integrante do instrumento utilizado na pesquisa, um dos blocos referia-se à personalidade. Existem diversas escalas possíveis de serem utilizadas, porém aqui optou-se por adotar o Inventário dos Cinco Grandes Fatores (*Big Five Inventory*) proposto por John; Donahue e Kentle (1991) e adaptado em língua portuguesa por Andrade (2008).

Para a tabulação das questões referentes a essa etapa do questionário, algumas medidas foram necessárias. Questões indicadas nos quadros como reversas, tiveram suas pontuações invertidas no momento da tabulação, ou seja, quando era marcada a alternativa 1 “discordo totalmente” a mesma era invertida para 5 “concordo totalmente” (JOHN; DONAHUE; KENTLE, 1991). Os próximos quadros mostram a estatística descritiva de cada traço referente à totalidade da amostra. O primeiro traço, o Neuroticismo, está no quadro 13:

Quadro 13 – Estatística descritiva Neuroticismo

TRAÇO	VARIÁVEL	Média	Moda	Desvio-Padrão
Neuroticismo	Sou temperamental, mudo de humor facilmente	2,76	2	1,28
	Sou emocionalmente instável, me altero facilmente*	3,01	3	1,22
	Não consigo relaxar, não controlo bem o estresse*	2,78	3	1,19
	Fico nervoso em situações tensas*	3,27	3	1,10
	Fico tenso com frequência	3,31	3	1,19
	Fico nervoso facilmente	3,03	3	1,24

Nota: *Variável Invertida

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Quanto ao traço do neuroticismo, destaca-se a afirmativa “Fico tenso com frequência”, com média de 3,31. Neste traço, são comparadas questões relativas a instabilidade emocional. Desse modo, pontuações mais altas indicam indivíduos preocupados, nervosos e inseguros; já pontuações mais baixas denotam indivíduos tranquilos, descontraídos e seguros de si (COSTA; McCRAE, 1992). As pontuações dos universitários nesse traço podem ser vistas no quadro 14:

Quadro 14 – Pontuações Neuroticismo

NEUROTICISMO	PONTUAÇÃO	FREQUÊNCIA
Estável emocionalmente	6 a 13 pontos	2,01%
Equilibrado	14 a 21 pontos	89,08%
Instável emocionalmente	22 a 30 pontos	8,91%

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa.

Da amostra de 1786 universitários, 2,01% apresentaram pontuações equivalentes à estabilidade emocional. São 3 homens e 3 mulheres com idades de 21 anos. Pode-se dizer que a maior parte da amostra, conforme os níveis estabelecidos, possui características equilibradas. Enquanto isso, 8,91% possuem características de instabilidade emocional. O quadro 15 a seguir, mostra as afirmativas referentes ao segundo traço: a extroversão.

Quadro 15 – Estatística descritiva da Extroversão

TRAÇO	VARIÁVEL	Média	Moda	Desvio-Padrão
Extroversão	Sou conversador e comunicativo.	3,39	5	1,27
	Sou assertivo, não temo expressar o que sinto	2,96	3	1,24
	Não sou reservado*	3,48	4	1,23
	Às vezes, sou destemido, desinibido*	3,54	4	1,23
	Sou sociável, extrovertido	3,21	3	1,26
	Sou cheio de energia	3,19	3	1,04
	Gero muito entusiasmo nas pessoas	3,18	3	1,06
	Tendo a ser quieto, calado*	3,00	3	1,37

Nota: *Variável Invertida

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Sobre o traço da Extroversão, destaca-se as afirmativa “Às vezes sou destemido e desinibido” cuja pontuação foi de 3,54. O fator da extroversão mostra como as pessoas interagem com quem está ao seu redor, revelando o quão comunicativas, responsáveis e assertivas elas são (NUNES; HUTZ, 2006). Além disso, divide os indivíduos entre introvertidos e extrovertidos; quanto mais alto o grau de concordância, mais extrovertido é o sujeito. Os níveis e suas respectivas pontuações podem ser vistos no quadro 16:

Quadro 16 – Pontuações Extroversão

EXTROVERSÃO	PONTUAÇÃO	FREQUÊNCIA
Introvertido	8 a 18 pontos	0,84%
Equilibrado	19 a 29 pontos	85,55%
Extrovertido	30 a 40 pontos	13,60%

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Novamente, consegue-se perceber que a maioria dos universitários ficou no nível equilibrado de extroversão. Dessa vez, apenas 0,84% foram considerados como introvertidos, que, segundo a literatura, pode apresentar características de quietude, atitude reservada e um tanto desinteressada (COSTA; McCRAE, 1992). Autores revelam que indivíduos introvertidos tendem a desenvolver dependências tecnológicas (ATROSZKO, ET AL., 2018; WHAITE, SHENSA, SIDANI, COLDITZ, & PRIMACK, 2018, LOPES, 2018). Já 13,60% foram considerados como extrovertidos, dadas as suas pontuações. Isso revela indivíduos sociáveis, afetuosos e falantes (NORONHA *et al.*, 2015). Essas características são comuns também ao próximo traço, a amabilidade.

Quadro 17 – Estatística Descritiva Amabilidade

TRAÇO	VARIÁVEL	Média	Moda	Desvio-Padrão
Amabilidade	Gosto de cooperar com os outros	4,19	5	0,86
	Sou prestativo e ajudo os outros	4,21	5	0,81
	Sou amável e tenho consideração pelos outros	4,21	5	0,85

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

No caso da amabilidade, todas as afirmativas se destacaram com aproximadamente a mesma média e desvio-padrão. Portanto, são pessoas agradáveis, cooperativas e afetuosas (ANDRADE, 2008), tendem a ser educados e proativos para ajudar a solucionar os problemas das outras pessoas (BARTHOLOMEU; NUNES; MACHADO, 2008). Na escala de pontuação, 0,84% foram classificados como rudes devido a pontuação alcançada. Dessa vez, os resultados indicam que 84,66% dos universitários se caracterizam como pessoas amáveis.

Quadro 18 – Pontuações de Amabilidade

AMABILIDADE	PONTUAÇÃO	FREQUÊNCIA
Rude	3 a 6 pontos	0,84%
Equilibrado	7 a 10 pontos	14,50%
Amável	11 a 15 pontos	84,66%

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

O traço seguinte é a conscienciosidade. O quadro 19 mostra a estatística descritiva das afirmativas.

Quadro 19 – Estatística Descritiva da Conscienciosidade

TRAÇO	VARIÁVEL	Média	Moda	Desvio-Padrão
Conscienciosidade	Sou minucioso, detalhista no trabalho	3,97	4	0,89
	Insisto até concluir a tarefa ou o trabalho	3,89	5	1,02
	Posso ser um tanto cuidadoso*	2,71	3	1,13
	Não tenho tendência de ser preguiçoso	3,31	4	1,22
	Faço as coisas com eficiência	4,02	4	0,83
	Não me distraio facilmente*	3,13	3	1,19
	Faço planos e os sigo a risca	3,30	3	1,02
	Tendo a ser organizado*	2,79	3	1,32

Nota: *Variável Invertida

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Das variáveis correspondentes ao traço da conscienciosidade, a maior média foi registrada na afirmativa “Faço as coisas com eficiência”. Isso denota indivíduos preocupados em executar seu trabalho da melhor maneira possível, pois crêem que devem fazer tudo corretamente (ANDRADE, 2008). Esse traço engloba características de indivíduos responsáveis e honestos naqueles cuja soma de pontuação resulte em um valor alto; por outro lado, naqueles cuja pontuação é baixa, as características são de pessoas negligentes e irresponsáveis (HUTZ *et al.*, 1998). Na amostra, os indivíduos foram classificados conforme o quadro 20:

Quadro 20 – Pontuações de Conscienciosidade

CONSCIENCIOSIDADE	PONTUAÇÃO	FREQUÊNCIA
Irresponsável	8 a 18 pontos	0,33%
Equilibrado	19 a 29 pontos	76,31%
Responsável	30 a 40 pontos	23,36%

Fonte: elaborada pela autora com resultados da pesquisa

O quinto e último traço é a abertura a novas experiências. O quadro 21 traz a descritiva das afirmativas:

Quadro 21 – Estatísticas descritivas da Abertura a novas experiências

TRAÇO	VARIÁVEL	Média	Moda	Desvio-Padrão
Abertura a novas experiências	Sou original e tenho sempre novas ideias	3,35	3	0,96
	Sou inventivo; criativo	3,33	3	1,08
	Valorizo o artístico; o estético	3,62	5	1,15
	Sou curioso sobre muitas coisas diferentes	4,35	5	0,84

	Tenho uma imaginação fértil	3,82	5	1,09
	Sou engenhoso, gosto de analisar profundamente as coisas	3,75	4	1,06
	Gosto de refletir e brincar com as ideias	3,86	4	1,01
	Tenho interesses artísticos*	2,42	1	1,24
	Sou sofisticado em artes, música, literatura	3,10	3	1,25

Nota: *Variável Invertida

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Neste último traço, a afirmativa “Sou curioso sobre muitas coisas diferentes” foi a que apresentou a maior média. Indivíduos com pontuações altas são imaginativos, curiosos e com valores liberais (McCRAE; SUTIN, 2009). Já pessoas com valores baixos são sensatas e com interesses limitados (COSTA; McCRAE, 1992). A classificação dos universitários dividiu-se em dogmáticas para aqueles que fizeram pontuações baixas e liberais para aqueles que fizeram pontuações altas.

Quadro 22 – Pontuações de Abertura a novas experiências

ABERTURA A EXPERIÊNCIAS	PONTUAÇÃO	FREQUÊNCIA
Sensato	9 a 21 pontos	2,57%
Equilibrado	22 a 34 pontos	66,74%
Aberto	35 a 45 pontos	30,69%

Fonte: elaborado pela autora com os resultados da pesquisa

Assim sendo, percebe-se que apenas 2,57% foram classificados como sensato, revelando-se talvez como uma pessoa de convicções fortes. Novamente, a maioria dos respondentes classificou-se como de um nível intermediário, corroborando que a maioria das pessoas tendem a apresentar características neutras em relação a sua personalidade (CAVALCANTE, 2016).

Ao final dessa subseção, pode-se identificar que o traço da amabilidade foi o que obteve a maior frequência dentre os cinco analisados com 84,66% , seguido da abertura a novas experiências com 30,69% universitários. Tais traços partilham características em comum, como a facilidade em se relacionar com os outros e a afetuosidade (LOPES, 2018)

4.5 Influência dos cinco traços no comportamento de *phubbing*

A relação entre personalidade e uso das tecnologias já é objeto de estudo de pesquisadores internacionais. Sabe-se, por exemplo, que alguns traços dos

chamados Cinco Grandes, são mais suscetíveis a dependências tecnológicas que outros. Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura às experiências são os componentes desse grupo.

Desse modo, a última subseção da presente dissertação visa identificar a influência dos cinco traços no comportamento de *phubbing* nos universitários brasileiros utilizando a regressão linear múltipla. Como forma de estimar os parâmetros, foi estabelecido que o comportamento de *phubbing* é a variável dependente e cada um dos cinco traços as variáveis independentes, com um nível de significância de 5%

Os resultados das estimações do modelo e de seus coeficientes, podem ser visualizados no quadro a seguir:

Quadro 23 – Resumo do modelo

Estadística	R ²	Valor F	Significância
Modelo	0,073	28,204	0,000

Fonte: elaborado pela autora com dados da pesquisa

O quadro 23 evidencia que o modelo é adequado para a identificação da influência dos cinco traços no comportamento do *phubbing*. Seu valor F corresponde a 28,204 e é estatisticamente significativa a 1%. O valor do coeficiente de determinação indica que 7,3% das variações nos níveis de *phubbing* são explicadas pelos traços de personalidade. O quadro 24 mostra os valores dos parâmetros estimados para cada traço.

Quadro 24 – Parâmetros da regressão da influência dos cinco traços de personalidade no comportamento do *phubbing*

MODELO	Coeficientes β	T	Valor P
Constante	3,018	19,100	0,000
Neuroticismo**	0,147	7,749	0,000
Extroversão	0,027	1,300	0,194
Amabilidade**	0,069	2,592	0,010
Conscienciosidade**	-0,169	-6,551	0,000
Abertura**	-0,080	-3,057	0,002

Nota: **($p < 0,01$)

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Evidencia-se através dos valores apresentados no quadro 24 que quatro traços foram estatisticamente significantes a 1%. Os traços do neuroticismo e

amabilidade apresentaram relações positivas com o comportamento de *phubbing*. Para cada aumento na escala de concordância do traço de neuroticismo, o comportamento de *phubbing* na escala tipo likert varia 0,147. O mesmo se aplica para o traço da amabilidade. Cada elevação no grau de concordância aumenta o nível de comportamento em 0,069.

Por outro lado, os dois traços seguintes, mostram uma relação inversa, o traço da conscienciosidade mostra que quanto mais elevado for o nível identificado do traço no indivíduo, sua influência no comportamento de *phubbing* diminui 0,169. Isto é, indivíduos que apresentarem mais características que remetam ao traço, serão menos propensos à prática. O mesmo se aplica ao traço da abertura a novas experiências.

Como os traços de personalidade não são mutuamente excludentes é importante salientar que o comportamento de *phubbing* deve ser medido considerando os níveis obtidos nos quatro traços significativos ao modelo. Logo, a equação do *phubbing* para esse caso é estruturada da seguinte forma:

$$\text{Phubbing} = 3,018 + 0,147.\text{Neuroticismo} + 0,069.\text{Amabilidade} - 0,169.\text{Conscienciosidade} - 0,08.\text{Abertura}$$

Desse modo, tratando especificamente sobre cada traço, pode-se dizer que o traço do neuroticismo ter sido positivamente relacionado, corrobora com o que dizem os autores. Quem apresenta níveis altos desse traço é propenso a vivenciar sofrimento emocional, ideias irrealis, ansiedade e são menos tolerantes a frustrações (HUTZ; NUNES, 2001). Kuss *et al.* (2014) e Andreassen *et al.* (2013) apontam que altos níveis de neuroticismo são positivamente relacionados com dependência tecnológica. Isso porque a instabilidade emocional é associada com uma maior incidência de uso problemático de smartphone (BIANCHI; PHILLIPS, 2005).

Além disso, pessoas com pontuação elevada nesse traço são mais ansiosas. As notificações enviadas pelos aplicativos instalados nos smartphones podem potencializar esse sentimento nos indivíduos, desencadeando o hábito de verificação constante desses aparelhos (OULASVIRTA *et al.*, 2012) e, conseqüentemente, o comportamento do *phubbing*. Assim, uma pessoa neuroticista por ser preocupada e nervosa, precisa ficar sabendo do que está acontecendo a todo instante, não conseguindo se manter longe do aparelho.

No que se refere à amabilidade, a literatura indica que os indivíduos seriam menos suscetíveis a maus comportamentos envolvendo as tecnologias (DURAK, SENOL-DURAK, 2014; KAYIS, ET AL., 2016; DUKE, MONTAG, 2017). Outros autores ainda apontam que pessoas amáveis não utilizarão seus dispositivos como substitutos de relações sociais (OLOWODUNOYE; OLUSA; ADELINA, 2017). Similarmente, a amabilidade é apontada por ser um fator protetor às dependências, logo quanto mais presente está em um indivíduo, menos chances este teria de desenvolver esse tipo de problema (KAYIS *et al.*, 2016). Neste sentido, os resultados encontrados contrariam o que é pontuado por esses autores, visto que o parâmetro da amabilidade foi positivamente relacionado ao comportamento.

A relação positiva desse traço pode indicar que as pessoas estão deixando de ser amáveis somente pessoalmente, isto é, estão transferindo características da amabilidade para o meio online. Tal atitude é observada nas redes sociais quando, por exemplo, as pessoas publicam e enviam mensagens carinhosas de felicitações umas para as outras em datas comemorativas; através das funções de reações (“amei”, “triste”, “curtir”, “haha”) presentes em outras redes sociais; e, no fato de que a internet permite o exercício da solidariedade, pois as pessoas podem pedir ajuda umas às outras e se engajar em causas sociais sem nem mesmo se conhecer pessoalmente.

Em se tratando do traço da conscienciosidade, os resultados refletem o que diz a literatura. Uma pessoa conscienciosa é meticulosa, responsável, cuidadosa e honesta (COOPER, 2003). Além disso, são pessoas focadas, diretas e persistentes em seus objetivos. Dos cinco traços de personalidade analisados, esse é o mais cauteloso quanto ao uso das redes sociais e prefere experiências reais, por exemplo. Autores como Hussain e Pontes (2018) observaram que menos se nota a tendência a dependências online em pessoas que apresentam esse traço.

Logo, o coeficiente negativo mostra que quanto mais consciencioso, menos tendência ao comportamento do *phubbing* apresenta. Na seção anterior, foi mostrado que no traço da conscienciosidade a afirmativa com a maior média na escala de concordância foi “faço as coisas com eficiência”. Isso indica que por ser focado, competente e preocupado em conseguir melhores resultados, o indivíduo dificilmente cederá à distração de checar seu smartphone, pois isso viria a desconcentrá-lo comprometendo a qualidade do trabalho ou atividade a qual ele se propôs a executar.

O último traço significativo no modelo foi a abertura a novas experiências. A literatura indica que essas pessoas tendem a ser mais aventureiras, imaginativas e curiosas. Diz-se também que tais indivíduos não apresentam sintomas de uso problemático de smartphone (HUSSAIN, GRIFFITHS E SHEFFIELD, 2017). Logo, o resultado encontrado nessa pesquisa se assemelha ao indicado pelos autores. O coeficiente negativo indica que quanto mais aberto ao novo o indivíduo for, menos propenso ao comportamento do *phubbing* ele será.

Isso porque são pessoas sensíveis, curiosas, criativas e que valorizam o momento, procurando aproveitar as experiências e a companhia de quem está junto. Ao contrário do que acontece no *phubbing*. Desse modo, pode-se dizer que aquelas pessoas cujas características são opostas às mencionadas (ou seja, mais convencionais), tendem ao comportamento do *phubbing*. Acredita-se que por serem pessoas cujos interesses são limitados ao seu universo particular, estar em um momento de convivência ou lazer que fuja à rotina, as incomoda e as faz não valorizar tais experiências.

Considerando então os estudos anteriores sobre o *phubbing* que o apontam como sendo derivado do uso problemático de smartphone, da dependência da internet, FoMO e redes sociais, pode-se concluir que os traços indicados como influenciadores do *phubbing* se relacionam com seus predecessores. Conclui-se, portanto, que a personalidade do indivíduo atuaria como uma variável moderadora do comportamento do *phubbing*, relacionada de maneira indireta com o *phubbing*, mas de maneira direta com seus antecedentes.

Desse modo, entende-se que indivíduos com a presença de traços que indiquem potenciais usos problemáticos de internet ou de smartphone, tenderão à prática do *phubbing*. Cabe ainda destacar que os valores dos coeficientes de determinação que foram encontrados para ambos modelos de regressão são considerados, inicialmente, como baixos. No entanto, tendo em vista que foram investigados traços de personalidade e comportamentos sociais, não se pode haver valores extremamente altos, sendo que as pessoas mudam seus comportamentos ao longo do tempo

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou identificar a influência dos cinco traços de personalidade no comportamento do *phubbing*. Dado que, segundo a literatura, alguns traços são mais suscetíveis a problemas como a dependência tecnológica, se propôs que houvesse influência no comportamento de ignorar as pessoas para prestar atenção em seu celular.

Para tal, aplicou-se a pesquisa com universitários brasileiros usuários de smartphone. Tais usuários, de modo geral, foram caracterizados como indivíduos jovens, solteiros, que residem com seus pais e cuja participação na pesquisa foi maior na região sudeste do país. Além disso, destaca-se que de acordo com os níveis estabelecidos, 2 homens e 1 mulher não apresentam o comportamento, já 64,27% indivíduos de um total de 1786 apresentam comportamento moderado de *phubbing*.

Também, dados alguns estudos que apontavam diferenças no sexo, idade e estado civil no comportamento de *phubbing*, buscou-se verificar se para o público-alvo dessa pesquisa havia influência de alguma dessas variáveis. Assim, por meio da regressão múltipla, identificou-se que o sexo tem influência positiva a um nível de significância de 1% e o estado civil influência negativamente a 10%. Isso mostrou que as mulheres são mais propensas ao comportamento e que pessoas em um relacionamento se comportam menos dessa forma.

Por conseguinte, objetivou-se identificar quais dos traços de personalidade eram mais presentes nos universitários brasileiros usuários de smartphone. Por meio da construção de níveis de pontuação, identificou-se que os universitários pontuaram mais nos traços da amabilidade e abertura a novas experiências. O que revela pessoas fáceis de conviver e que não tem medo de desafios.

Neste sentido, buscou-se como último objetivo específico identificar qual dos traços de personalidade influenciava o comportamento do *phubbing*. Por meio da regressão múltipla, os parâmetros foram estimados e identificou-se que os traços do neuroticismo e amabilidade influenciam positivamente o comportamento. Já o traço da conscienciosidade e abertura a novas experiências o influenciam negativamente, corroborando o que diz a literatura. Além disso, o coeficiente de determinação mostrou que o modelo proposto explica 7,3% do comportamento de *phubbing*.

Considerando os resultados obtidos e o que diz a literatura sobre os traços de personalidade e sobre o *phubbing*, chegou-se à conclusão de que os traços apontados

pela pesquisa como influenciadores do comportamento se relacionam com os antecessores do *phubbing*. Acredita-se que, nesse caso, os traços de personalidade individuais poderiam ser considerados como variáveis moderadoras do comportamento do *phubbing*, pois há na literatura indícios de que os traços se mostram suscetíveis à dependências tecnológicas e uso problemático de internet e smartphone.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição prática desse estudo, que ajuda a entender que alguns maus comportamentos envolvendo a tecnologia e seus derivados podem ter fundo psicológico. Dessa forma, conhecendo os traços dominantes da personalidade dos indivíduos, consegue-se identificar se o mesmo possui uma pré-disposição a desenvolver esse tipo de problema, indicando auxílio de um profissional capacitado para auxiliar na prevenção das dependências tecnológicas.

Academicamente, o estudo traz achados que colaboram com a literatura nacional sobre *phubbing*. Dado que as pesquisas são em sua maioria internacionais, é relevante saber que a realidade brasileira se mostra diferente ao que vem sendo mostrado em termos de resultados. Observou-se durante a construção do referencial teórico, principalmente em relação aos traços de personalidade e a tecnologia, que dependendo do local de aplicação, os estudos mostram conclusões variadas. Logo, mostrar como se dá o comportamento dessas variáveis no Brasil torna-se importante.

Antes de concluir, ressaltam-se algumas limitações dessa pesquisa. A primeira delas é que pretendia-se fazer um estudo com amostragem estratificada, porém, o volume de respostas vindas da região sudeste superou as expectativas. Por outro lado, mesmo com as inúmeras tentativas de contato, a amostragem da região centro-oeste não conseguiu fechar o número necessário. Isso fez com que a pesquisadora tivesse que optar pela amostragem simples. Outra limitação foi o período da coleta de dados, que se deu durante o final do semestre, momento no qual tanto os estudantes quanto os funcionários das universidades responsáveis por divulgar os e-mails estão de férias.

Por fim, algumas sugestões de estudos futuros são destacadas. Dados os resultados, seria interessante proceder a uma análise qualitativa do comportamento de *phubbing* mediante um grupo focal ou entrevistas em profundidade com a presença de um profissional da área de psicologia, para aprofundar os resultados. Também, destaca-se que poderia ser feita a validação transcultural do instrumento do *phubbing*,

adequando-o à realidade brasileira e, quem sabe, incluindo as personalidades como variáveis moderadoras.

REFERÊNCIAS

- AAGAARD, Jesper. Digital akrasia: a qualitative study of phubbing. **AI & SOCIETY**, p. 1-8, 2019.
- ABOUJAOUDE, Elias. The Internet's effect on personality traits: An important casualty of the "Internet addiction" paradigm. **Journal of behavioral addictions**, v. 6, n. 1, p. 1-4, 2016.
- ABRAMOVA, Olga et al. To Phub or not to Phub: Understanding Off-Task Smartphone Usage and its Consequences in the Academic Environment. 2017.
- ABREU, Cristiano Nabuco de et al. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Revista Brasileira de psiquiatria**, v. 30, n. 2, p. 156-167, 2008.
- AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. **Métodos estatísticos para as ciências sociais**. Penso Editora, 2012.
- AGUIAR, Janderson Jason Barbosa; DE ARAÚJO, Joseana Macêdo Fachine Régis; COSTA, Evandro Barros. Identificação dos Traços de Personalidade de Alunos com Base em Postagens no Facebook. **Tecnologias, Sociedade e Conhecimento**, v. 3, n. 1, p. 21-39, 2016.
- ALLPORT, Floyd H.; ALLPORT, Gordon W. Personality Traits: Their Classification and Measurement. **The Journal of Abnormal Psychology and Social Psychology**, v. 16, n. 1, p. 6, 1921.
- ALLPORT, Gordon W.; ODBERT, Henry S. **Trait-names**. Psychological Review Company, 1936.
- ÁLVAREZ, M. RODRIGUEZ, E. Attitudes and parenting dimensions in parents' regulation of Internet use by primary and secondary school children. **Computers & Education**, v. 67, p. 69-78, 2012.
- AMBAD, Sylvia Nabila Azwa; KALIMIN, Khairiah Mazdiah; YUSOF, Ku Mohd Amir Aizat Ku. The Effect Of Internet Addiction On Students'emotional And Academic Performance. **e-Academia Journal**, v. 6, n. 1, 2017.
- ANDRADE, Josemberg Moura de. Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil. 2008. Tese de doutorado.
- ANDREASSEN, Cecilie Schou et al. The relationships between behavioral addictions and the five-factor model of personality. **Journal of behavioral addictions**, v. 2, n. 2, p. 90-99, 2013.
- ANGELUCI, Alan César Belo. "Stop Phubbing Me!": A Case Study on Mobile Media. **Handbook of Research on Comparative Approaches to the Digital Age Revolution in Europe and the Americas**, p. 192, 2015.

ANGELUCI, Alan César Belo; HUANG, Gejun. Rethinking media displacement: the tensions between mobile media and face-to-face interaction/Repensando o deslocamento da mídia: as tensões entre as mídias móveis ea interação face-a-face. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 4, p. 173, 2015.

ANSHARI, Muhammad et al. Smartphone habit and behavior in Brunei: Personalization, gender, and generation gap. **Computers in Human Behavior**, v. 64, p. 719-727, 2016.

ANUNCIBAY, Raquel. ICTs and teenage students. Problematic usage or dependence. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 237, p. 230-236, 2017.

AREFIN, Md et al. Impact of Smartphone Addiction on Academic Performance of Business Students: A Case Study. 2017.

Back stage: Mobile communication and the renegotiation of the social sphere (pp.

ATROSZKO, Paweł A. et al. Facebook addiction among Polish undergraduate students: validity of measurement and relationship with personality and well-being. **Computers in Human Behavior**, v. 85, p. 329-338, 2018.

BARRICK, M. R. et al., The big five personality dimensions and job performance: A meta analysis. **Personality Psychology**, 2002, 44(1), 1-26

BARTHOLOMEU, Daniel; DA SILVA NUNES, Carlos Henrique Sancineto; MACHADO, Afonso Antonio. Traços de personalidade e habilidades sociais em universitários. **Psico-USF**, v. 13, n. 1, p. 41-50, 2008.

BASOLE, Rahul C. The value and impact of mobile information and communication technologies. In: **Proceedings of the IFAC Symposium on Analysis, Modeling & Evaluation of Human-Machine Systems**. 2004. p. 1-7.

BEATON, D. E. et al. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, v. 5, n. 24, p. 3186-3191, 2000.

BELK, Russell W. Possessions and the extended self. **Journal of consumer research**, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.

BELK, Russell. Digital consumption and the extended self. **Journal of Marketing Management**, v. 30, n. 11-12, p. 1101-1118, 2014.

BENET-MARTINEZ, Veronica; JOHN, Oliver P. Los Cinco Grandes across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. **Journal of personality and social psychology**, v. 75, n. 3, p. 729, 1998.

BERANUY, Marta et al. Problematic Internet and mobile phone use and clinical symptoms in college students: The role of emotional intelligence. **Computers in human behavior**, v. 25, n. 5, p. 1182-1187, 2009.

BIANCHI, Adriana; PHILLIPS, James G. Psychological predictors of problem mobile phone use. **CyberPsychology & Behavior**, v. 8, n. 1, p. 39-51, 2005.

BILLIEUX, Joël. Problematic use of the mobile phone: a literature review and a pathways model. **Current Psychiatry Reviews**, v. 8, n. 4, p. 299-307, 2012.

BŁACHNIO, Agata; PRZEPIORKA, Aneta. Be Aware! If You Start Using Facebook Problematically You Will Feel Lonely: Phubbing, Loneliness, Self-esteem, and Facebook Intrusion. A Cross-Sectional Study. **Social Science Computer Review**, p. 0894439318754490, 2018.

BORGES, Luana de Andrade Pinheiro; PIGNATARO, Thelma. NOMOFOBIA: uma síndrome no séc. XXI In: **REVISTA INTERFACE** - Natal/RN – v.13 nº 1 | Janeiro a julho 2016.

BOYD, Danah M. ELLISON, Nicole B. **Social Network Sites: definition, history and scholarship**. **Journal of Computer-Mediatied Communication**, n. 13, p. 210-230, 2008.

BRITO SILVA, Izabella; DE CÁSSIA NAKANO, Tatiana. Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. **Avaliação Psicológica**, v. 10, n. 1, 2011.

BUCKINGHAM, David et al. (Ed.). **Youth, identity, and digital media**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.

BUCKNER, J., CASTILLE, C., SHEETS, T. The five factor model of personality and employees' excessive use of technology. **Computers in Human Behavior**, 28, 1947-1953, 2012

BUENO, Glaukus Regiani; LUCENA, Tiago Franklin Rodrigues. Geração cabeça-baixa: saúde e comportamento dos jovens no uso das tecnologias móveis. **Anais do IX Simpósio Nacional ABCiber–PUC-SP**, 2016.

BUTT, S., & PHILLIPS, J. G. Personality and self-reported mobile phone use. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am* 2016;25(3):509–20

CAPLAN, Scott E. Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 5, p. 1089-1097, 2010.

CAPLAN, Scott E.; HIGH, Andrew C. Beyond excessive use: The interaction between cognitive and behavioral symptoms of problematic Internet use. **Communication Research Reports**, v. 23, n. 4, p. 265-271, 2006.;

CAPLAN, Scott E. Preference for online social interaction: A theory of problematic Internet use and psychosocial well-being. **Communication research**, v. 30, n. 6, p. 625-648, 2003.

CAPPELLOZZA, Alexandre; DE MORAES, Gustavo Hermínio Salati Marcondes; MUNIZ, Leonardo Mairene. Uso Pessoal das Tecnologias no Trabalho: Motivadores e Efeitos à Distração Profissional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 5, p. 605-626, 2017

CARDOSO, A.; AMOROSINO, I.; NARDI, A. E. Epidemiologia e Aspectos Econômicos. In:

CARVAJAL, Evelyn Téllez. Families and technologies. What about the phubbing in Mexico?. **Horyzonty Wychowania**, v. 16, n. 37, p. 59-69, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.

CAVALCANTE, J.P.S. Modelo Explicativo da intenção de compra a partir dos Big Five, da orientação para a comparação social on-line e da inveja. Fortaleza, 2016. Dissertação de Mestrado.

CHOLIZ, Mariano. Mobile phone addiction: a point of issue. **Addiction**, v. 105, n. 2, p. 373-374, 2010.

CHOTPITAYASUNONDH, Varoth; DOUGLAS, Karen M. How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 9-18, 2016

CHOTPITAYASUNONDH, Varoth; DOUGLAS, Karen M. The effects of “phubbing” on social interaction. **Journal of Applied Social Psychology**, 2018.

CHUN, JongSerl. Conceptualizing effective interventions for smartphone addiction among Korean female adolescents. **Children and Youth Services Review**, v. 84, p. 35-39, 2018.

CÍZMECÍ, Esra. Both sides of the coin: smartphones in romantic relationships of youth. **Electronic Journal of Social Sciences**, v. 16, n. 63, 2017.

COOPER, Dominic. Psychology, risk and safety. **Professional Safety**, v. 48, n. 11, p. 39-46, 2003.

COSTA JR, Paul T.; MCCRAE, Robert R. The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. **Journal of personality disorders**, v. 6, n. 4, p. 343-359, 1992.

CRESWELL, John. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**, v. 2, 2010.

CULLEN, Rowena; MORSE, Sarah. Who's contributing: Do personality traits influence the level and type of participation in online communities. In: **2011 44th Hawaii International Conference on System Sciences**. IEEE, 2011. p. 1-11.

CUNHA, Marina Ferreira. **Caracterização do perfil de uso de smartphones por estudantes de graduação**. 2017.

CURY, Lucilene; CAPOBIANCO, Ligia. Princípios da história das tecnologias da informação e comunicação grandes invenções. **VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Anais... Guarapuava: Unicentro**, p. 1-13, 2011.

DÁGUA, Joana; PATRÃO, Ivone Alexandra Martins; LEAL, Isabel Pereira. Relação dos traços de personalidade com a dependência ao smartphone. In: **Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**. ISPA–Instituto Universitário, 2018. p. 429-437.

DANTAS, Edmundo Brandão; VIDAL, Priscila Valim Carneiro. Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais. **Signos do Consumo**, v. 8, n. 2, p. 67-84, 2016.

DAVEY, Sanjeev et al. Predictors and consequences of “Phubbing” among adolescents and youth in India: An impact evaluation study. **Journal of Family and Community Medicine**, v. 25, n. 1, p. 35, 2018.

DE MOURA, Diocsianne Correia. Abordagens no campo da comunicação e o desafio contemporâneo da mobilidade: jovens e o smartphone. **Razón y Palabra**, v. 18, n. 84, p. 1-13, 2013.

DELEVI, Raquel; WEISSKIRCH, Robert S. Personality factors as predictors of sexting. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 6, p. 2589-2594, 2013.

DUKE, Éilish; MONTAG, Christian. Smartphone addiction, daily interruptions and self-reported productivity. **Addictive Behaviors Reports**, v. 6, p. 90-95, 2017.

ELLISON, Nicole B.; BOYD, Danah. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated communication**, v. 13, n. 1, p. 210- 230, 2007.

EŞKISU, Mustafa; HOŞOĞLU, Rumeysa; RASMUSSEN, Kyler. An investigation of the relationship between Facebook usage, Big Five, self-esteem and narcissism. **Computers in Human Behavior**, v. 69, p. 294-301, 2017.

EŞKISU, Mustafa; HOŞOĞLU, Rumeysa; RASMUSSEN, Kyler. An investigation of the relationship between Facebook usage, Big Five, self-esteem and narcissism. **Computers in Human Behavior**, v. 69, p. 294-301, 2017.

FLICK, Uwe. Introdução à metodologia científica: um guia para iniciantes. **Porto Alegre: Penso**, 2013.

FONTEMACHI, María A. **Prevención de adicciones tecnológicas en adolescentes argentinos**. 2014. Tese de Doutorado. Universitat de València, Departamento de Psicología Básica.

FOWLER JR, Floyd J. **Pesquisa de Levantamento-4**. Penso Editora, 2011.

FRIEDMAN, Howard; SCHUSTACK, Miriam. Teorias da Personalidade. **Da teoria clássica à pesquisa moderna**, 2004.

FULLWOOD, Chris et al. My virtual friend: A qualitative analysis of the attitudes and experiences of Smartphone users: Implications for Smartphone attachment. **Computers in Human Behavior**, v. 75, p. 347-355, 2017.

GABRIEL, Martha. Cibridismo: on e off line ao mesmo tempo. **Martha Gabriel Blog**, v. 2, 2015.

GARRIDO, Estefanía. **Phubbing: conectados a la red y desconectados de la realidad. Un análisis en relación con el bienestar psicológico**. 2015. Dissertação de Mestrado.

GENNER, Sarah. **ON/OFF: Risks and Rewards of the Anytime-Anywhere Internet**. Zurich, 2017.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **São Paulo**, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

GOMES, Cristiano Mauro Assis; GOLINO, Hudson Fernandes. Relações hierárquicas entre os traços amplos do Big Five. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 3, p. 445-456, 2012.

GOSLING, Samuel D.; RENTFROW, Peter J.; SWANN JR, William B. A very brief measure of the Big-Five personality domains. **Journal of Research in personality**, v. 37, n. 6, p. 504-528, 2003.

Greenfield, D. (2011). As propriedades de dependência e do uso de internet. Em Young, K. S. & Abreu, C. N. *Dependência de Internet: manual guia de avaliação e tratamento* (pp.169-190). São Paulo: Artmed

GREENFIELD, David N. Treatment Considerations in Internet and Video Game Addiction: A Qualitative Discussion. **Child and Adolescent Psychiatric Clinics of North America**, 2018.

GRIFFITHS, Mark D. Et al. Instagram addiction and the Big Five of personality: The mediating role of self-liking. **Journal of behavioral addictions**, v. 7, n. 1, p. 158-170, 2018.

GRIFFITHS, Mark D.; KUSS, Daria J.; DEMETROVICS, Zsolt. Social networking addiction: An overview of preliminary findings. In: **Behavioral addictions**. 2014. p. 119-141.;

GRIFFITHS, Mark. Behavioural addiction: an issue for everybody?. **Employee Councillings Today**, v. 8, n. 3, p. 19-25, 1996.

GRIFFITHS, Mark. Internet addiction-time to be taken seriously?. **Addiction research**, v. 8, n. 5, p. 413-418, 2000.

GUADAGNO, Rosanna E.; OKDIE, Bradley M.; ENO, Cassie A. Who blogs? Personality predictors of blogging. **Computers in Human Behavior**, v. 24, n. 5, p. 1993-2004, 2008.

GUAZZINI, Andrea et al. An Explorative Model to Assess Individuals' Phubbing Risk. **Future Internet**, v. 11, n. 1, p. 21, 2019

Haigh. **STOP PHUBBING**. Disponível em: www.stopphubbing.com (2015)

HAIR, Joseph et al. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Bookman Companhia Ed, 2005.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Artmed Editora, 2000.

HAMANN, Rennan. **Como o brasileiro utiliza o smartphone? Infográfico responde isso para você**. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/celular/110855-como-brasileiro-utiliza-o-smartphone-infografico-responde-pra-voce.htm> (2015)

HOOTSUITE. **We are Social, Digital In 2018: South America**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/wearesocialsg/digital-in-2017-south-america>

HOSŤOVECKÝ, Marián; PROKOP, Pavol. The relationship between internet addiction and personality traits in Slovak secondary schools students. **Journal of Applied Mathematics, Statistics and Informatics**, v. 14, n. 1, p. 83-101, 2018.

HUSSAIN, Zaheer; PONTES, Halley M. Personality, internet addiction, and other technological addictions: a psychological examination of personality traits and technological addictions. In: **Psychological, social, and cultural aspects of Internet addiction**. IGI Global, 2018. p. 45-71.

HUTZ, Claudio Simon et al. O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, n. 2, 1998.

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2018**. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/default.shtm

IPSOS 2018 **Motorola Phone-Life Balance Study Data Report by Generations**. Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-02/motorola-phone-life-balance-study-topline-2018-02-21.pdf>

JAMES, W. Person and personality. In F. Burkhardt (ed.), **Essays in psychology**. Cambridge: Harvard University Press, 1983.

JANG, Kerry L.; LIVESLEY, W. John; VEMON, Philip A. Heritability of the big five personality dimensions and their facets: a twin study. **Journal of personality**, v. 64, n. 3, p. 577-592, 1996.

JOHN, Oliver P.; DONAHUE, Eileen M.; KENTLE, Robert L. The big five inventory—versions 4a and 54. 1991.

JOHN, Oliver P.; PERVIN, Lawrence A. Personalidade teoria e pesquisa. 2004.

JOHN, Oliver P.; SRIVASTAVA, Sanjay. The Big Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. **Handbook of personality: Theory and research**, v. 2, n. 1999, p. 102-138, 1999.

JORGENSON AG, HSIAO RCJ, YEN CF. Internet addiction and other behavioral addictions. *Computers in Human Behavior*, 24, 346–360.

JUDGE, Timothy A. et al. The big five personality traits, general mental ability, and career success across the life span. **Personnel psychology**, v. 52, n. 3, p. 621-652, 1999.

KARADAĞ, Engin et al. The virtual world's current addiction: phubbing. **Addicta: Turkish journal on addictions**, v. 3, n. 2, p. 252-269, 2016.

KARADAĞ, Engin et al. Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. **Journal of behavioral addictions**, v. 4, n. 2, p. 60-74, 2015.

KATZ, J. E. Mainstreamed Mobiles in Daily Life: Perspectives and Prospects. Katz, Castells. *Handbook of Mobile Communication Studies*. 2008.

KATZ, Elihu; BLUMLER, Jay G.; GUREVITCH, Michael. Uses and gratifications research. **The public opinion quarterly**, v. 37, n. 4, p. 509-523, 1973.

KAYIŞ, Ahmet Rifat et al. Big five-personality trait and internet addiction: A meta-analytic review. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 35-40, 2016.

KIM, Jung-Hyun. Psychological issues and problematic use of smartphone: ADHD's moderating role in the associations among loneliness, need for social assurance, need for immediate connection, and problematic use of smartphone. **Computers in Human Behavior**, v. 80, p. 390-398, 2018.

KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Ed.). Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do celular? 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 67-73.

KIRCABURUN, Kagan; GRIFFITHS, Mark D. Instagram addiction and the Big Five of personality: The mediating role of self-liking. **Journal of behavioral addictions**, v. 7, n. 1, p. 158-170, 2018.

KHOURY, Julia Machado. **Tradução, adaptação cultural e validação de uma versão brasileira do questionário Smartphone Addiction Inventory (SPAI) para o rastreamento de dependência de smartphone**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2016.

KNOLL, K.R.H; CORSO, K.B; JUNIOR, P.V.C, “Eu, você e o Smartphone, até que o Phubbing nos separe”: um estudo sobre as implicações do uso (excessivo) do smartphone entre casais. Anais... SEMEAD. São Paulo, 2017.

KÖRMENDI, Attila et al. Smartphone use can be addictive? A case report. **Journal of behavioral addictions**, v. 5, n. 3, p. 548-552, 2016.

KUSS, D. et al. Internet addiction: a systematic review of epidemiological research for the last decade. **Current pharmaceutical design**, v. 20, n. 25, p. 4026-4052, 2014.

KUSS, Daria J.; GRIFFITHS, Mark D. Social networking sites and addiction: Ten lessons learned. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 3, p. 311, 2017.

KUSS, Daria J. et al. Problematic Mobile Phone Use and Addiction Across Generations: the Roles of Psychopathological Symptoms and Smartphone Use. **Journal of Technology in Behavioral Science**, p. 1-9, 2018

KUSS, Daria J.; GRIFFITHS, Mark D.; BINDER, Jens F. Internet addiction in students: Prevalence and risk factors. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 3, p. 959-966, 2013

KWON, Min et al. Development and validation of a smartphone addiction scale (SAS). **PloS one**, v. 8, n. 2, p. e56936, 2012.

KWON, Min et al. The smartphone addiction scale: development and validation of a short version for adolescents. **PloS one**, v. 8, n. 12, p. e83558, 2013.

LANAJ, Klodiana; JOHNSON, Russell E.; BARNES, Christopher M. Beginning the workday yet already depleted? Consequences of late-night smartphone use and sleep. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 124, n. 1, p. 11-23, 2014.

LANDERS, Richard N.; LOUNSBURY, John W. An investigation of Big Five and narrow personality traits in relation to Internet usage. **Computers in human behavior**, v. 22, n. 2, p. 283-293, 2006.

LARCHE, Chanel J.; MUSIELAK, Natalia; DIXON, Mike J. The candy crush sweet tooth: How ‘Near-misses’ in candy crush increase frustration, and the urge to continue gameplay. **Journal of gambling studies**, v. 33, n. 2, p. 599-615, 2017.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 40, p. 28-35, 2009.

LEPP, Andrew et al. Exploring the relationships between college students’ cell phone use, personality and leisure. **Computers in Human Behavior**, v. 43, p. 210-219, 2015.

LEPP, Andrew; BARKLEY, Jacob E.; KARPINSKI, Aryn C. The relationship between cell phone use, academic performance, anxiety, and satisfaction with life in college students. **Computers in Human Behavior**, v. 31, p. 343-350, 2014.

LIN, Yu-Hsuan et al. Psychopathology of everyday life in the 21st Century: smartphone addiction. In: **Internet Addiction**. Springer, Cham, 2017. p. 339-358.

LOPES, Ana Rita de Sousa. **It's about time, it's not you it's me: my time is not your time": Escala de percepção de tempo de utilização online**. 2018. Tese de Doutorado

LOVE, S., & KEWLEY, J. (2003). Does personality affect peoples' attitude towards

MARINO, Claudia et al. Objective Facebook behaviour: Differences between problematic and non-problematic users. **Computers in Human Behavior**, v. 73, p. 541-546, 2017.

MARINO, Claudia et al. A comprehensive meta-analysis on Problematic Facebook Use. **Computers in Human Behavior**, v. 83, p. 262-277, 2018.

MARLATT, G. Alan et al. Addictive behaviors: Etiology and treatment. **Annual review of Psychology**, v. 39, n. 1, p. 223-252, 1988.

MARTINS, G.A. Estatística Geral e Aplicada. 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2011

MAZIERO, Mari Bela; DE OLIVEIRA, Lisandra Antunes. Nomofobia: uma revisão bibliográfica. **Unoesc & Ciência-ACBS**, v. 8, n. 1, p. 73-80, 2017.
mobile phone use in public places? In R. Ling, & P. Pedersen (Eds.), Front stage/

MORRIS, Neli "I'm Not a Gadget": A Grounded Theory on Unplugging. **The American Journal of Family Therapy**, v. 45, n. 5, p. 264-282, 2017.

MOTTRAM, Andrew J.; FLEMING, Michele J. Extraversion, impulsivity, and online group membership as predictors of problematic Internet use. **CyberPsychology & Behavior**, v. 12, n. 3, p. 319-321,

NAZRI, Syahida Mohd; LATIFF, Zulkifli Abd. Social evolution in human relations behavior of utilizing Facebook. **ISICO 2013**, v. 2013, 2013.

NORONHA, Ana Paula Porto et al. Relações entre afetos positivos e negativos e os cinco fatores de personalidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 20, n. 2, p. 92-101, 2015.

NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva; HUTZ, Cláudio Simon. Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. **PsicoUSF**, v. 11, n. 2, p. 147-155, 2006.

O'BRIEN, Charles. Addiction and dependence in DSM-V. **Addiction**, v. 106, n. 5, p. 866-867, 2011.

ODACI, Hatice; ÇIKRIKCI, Özkan. Differences in Problematic Internet Use based on De

ODUOR, Erick et al. The frustrations and benefits of mobile device usage in the home when co-present with family members. In: **Proceedings of the 2016 ACM Conference on Designing Interactive Systems**. ACM, 2016. p. 1315-1327.

OLIVEIRA, Fabrícia de; PASQUALINI, Kele Cristina. Os dependentes de internet no Brasil: realidade ou mito entre os universitários. **Mimesis, Bauru**, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

OLOWODUNOYE, Stella A.; OLUSA, Abayomi O.; ADESINA, Temitope R. Internet addiction among adolescents: the influence of gender and personality. **African journal for the psychological studies of social issues**, v. 20, n. 2, p. 1-15, 2017.

ORLIKOWSKI, W. J. (2007). Sociomaterial practices: Exploring technology at work. *Organization Studies*, 28(9), 1435-1448.

OULASVIRTA, Antti et al. Habits make smartphone use more pervasive. **Personal and Ubiquitous Computing**, v. 16, n. 1, p. 105-114, 2012.

PANCANI, Luca; PRETI, Emanuele; RIVA, Paolo. The psychology of smartphone: The development of the Smartphone Impact Scale (SIS). In Research Gate.

PARK, W. K. Mobile phone addiction. *Mobile Communications* (253–272). London: Springer

PEREDO, Juan Ramos. ¿ Autismo Tecnológico En Los Estudiantes Universitarios? Caso Provincia De Santa Elena, Ecuador. **Revista Ciencias Pedagógicas e Innovación**, v. 5, n. 1, 2017.

PONTES, H. M., KUSS, D. J., & GRIFFITHS, M. D. (2015). Clinical psychology of Internet addiction: a review of its conceptualization, prevalence, neuronal processes, and implications for treatment. *Neuroscience and Neuroeconomics*, 4, 11–23.

PONTES, Halley M.; GRIFFITHS, Mark D. Measuring DSM-5 Internet gaming disorder: Development and validation of a short psychometric scale. **Computers in Human Behavior**, v. 45, p. 137-143, 2015.

PRZYBYLSKI, Andrew K. et al. Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 4, p. 1841-1848, 2013.

RAUEN, Fábio José. Pesquisa científica: discutindo a questão das variáveis. Anais... **SIMFOP: Santa Catarina**, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas. 3ed. São Paulo: Atlas**, 2012.

RIES RK,.The ASAM principles of addiction medicine. 5th edition. Philadelphia:

ROBERTS, James A.; PULLIG, Chris; MANOLIS, Chris. I need my smartphone: A hierarchical model of personality and cell-phone addiction. **Personality and Individual Differences**, v. 79, p. 13-19, 2015.

ROBERTS, James A.; PULLIG, Chris; MANOLIS, Chris. I need my smartphone: A hierarchical model of personality and cell-phone addiction. **Personality and Individual Differences**, v. 79, p. 13-19, 2015.

ROBERTS, James A.; DAVID, Meredith E. My life has become a major distraction from my cell phone: Partner phubbing and relationship satisfaction among romantic partners. **Computers in Human Behavior**, v. 54, p. 134-141, 2015.

ROBERTS, James A.; DAVID, Meredith E. Put down your phone and listen to me: How boss phubbing undermines the psychological conditions necessary for employee engagement. **Computers in Human Behavior**, v. 75, p. 206-217, 2017.

ROCCAS, Sonia et al. The big five personality factors and personal values. **Personality and social psychology bulletin**, v. 28, n. 6, p. 789-801, 2002.

ROTONDI, Valentina; STANCA, Luca; TOMASUOLO, Miriam. Connecting alone: Smartphone use, quality of social interactions and well-being. **Journal of Economic Psychology**, v. 63, p. 17-26, 2017

RYAN, Tracii et al. The uses and abuses of Facebook: A review of Facebook addiction. 2014.

SAMAHA, Maya; HAWI, Nazir S. Relationships among smartphone addiction, stress, academic performance, and satisfaction with life. **Computers in Human Behavior**, v. 57, p. 321-325, 2016.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. d. PB Metodologia de Pesquisas. 2013. Penso Editora. São Pualo, 2013.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. *Cálculo amostral*: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>.

SAPACZ, M.; ROCKMAN, G.; CLARK, J. Are we addicted to our cell phones?. **Computers in Human Behavior**, v. 57, p. 153-159, 2016. SAPACZ; ROCKMAN E CLARK, 2015;

SEO, Mihye; KIM, Jung-Hyun; DAVID, Prabu. Alleviating depression only to become problematic mobile phone users: can face-to-face communication be the antidote?. **Computers in Human Behavior**, v. 51, p. 440-447, 2015.

SHAPIRA, Nathan A. et al. Problematic internet use: proposed classification and diagnostic criteria. **Depression and anxiety**, v. 17, n. 4, p. 207-216, 2003

SILVA, Izabella Brito; DE CÁSSIA NAKANO, Tatiana. Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 10, n. 1, p. 51-62, 2011.

SILVA, Isabel; DE MACEDO TEIXEIRA, Zélia; SOLIZ, Margarida. Adaptação do Smartphone Addiction Inventory para a população portuguesa. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, n. 13, p. 158-162, 2017.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2—A pesquisa científica. **Métodos de pesquisa**, p. 31-42, 2009.

SOUZA, Ana Cláudia de; ALEXANDRE, Neusa Maria Costa; GUIRARDELLO, Edinêis de Brito. Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 26, p. 649-659, 2017.

SWINGLE, Mari. **i-Minds: How cell phones, computers, gaming, and social media are changing our brains, our behavior, and the evolution of our species**. New Society Publishers, 2016.

SOTO, M.O. **Phubbing y relaciones interpersonales en adolescentes**. 2015. Tese de Doutorado. Tesis de grado.

TAŞ, İbrahim; AYAS, Tuncay. Relationship the level of internet addiction with personality traits of high school students. **Journal of Human Sciences**, v. 12, n. 2, p. 150-162, 2015.

THOMÉE, Sara; HÄRENSTAM, Annika; HAGBERG, Mats. Mobile phone use and stress, sleep disturbances, and symptoms of depression among young adults—a prospective cohort study. **BMC public health**, v. 11, n. 1, p. 66, 2011.

TIKHONOV, M. N.; BOGOSLOVSKII, M. M. Internet addiction factors. **Automatic Documentation and Mathematical Linguistics**, v. 49, n. 3, p. 96-102, 2015.

TIME. **Your wireless life: results of TIME's Mobility Poll**. Disponível em: <http://content.time.com/time/interactive/0,31813,2122187,00.html>

TRAN, Van-Dat; HUYNH, Ngoc Doan Trang. Exploring the Relationships among Social Benefits, Online Social Network Dependency, Satisfaction, and Youth's Habit Formation. **International Journal of Cyber Society and Education**, v. 8, n. 2, p. 99, 2015.

TUREL, O., SERENKO, A., & BONTIS, N. Blackberry addiction: Symptoms and outcomes. In *Proceedings of the Fourteenth Americas Conference on Information Systems* (August 14th-17th 2008). Toronto, ON, Canada.

TUREL, Ofir; SERENKO, Alexander; GILES, Paul. Integrating technology addiction and use: An empirical investigation of online auction users. **Mis Quarterly**, v. 35, n. 4, p. 1043-1062, 2011.

TURKLE, Sherry. Always-on/always-on-you: The tethered self. **Handbook of mobile communication studies**, p. 121-137, 2008.

UGUR, Naciye Guliz; KOC, Tugba. Time for Digital Detox: Misuse Of Mobile Technology And Phubbing. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 195, p. 1022-1031, 2015.

VAGHEFI, Isaac; QAHRI-SAREMI, Hamed. Personality Predictors of IT Addiction. In: **Proceedings of the 51st Hawaii International Conference on System Sciences**. 2018.

VAN ROOIJ, Antonius J. et al. Compulsive internet use: the role of online gaming and other internet applications. **Journal of Adolescent Health**, v. 47, n. 1, p. 51-57, 2010.

VENKATESH, Viswanath et al. User acceptance of information technology: Toward a unified view. **MIS quarterly**, p. 425-478, 2003.

WANG, Jin-Liang et al. The role of stress and motivation in problematic smartphone use among college students. **Computers in Human Behavior**, v. 53, p. 181-188, 2015.

WANG, Xingchao et al. Partner phubbing and depression among married Chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. **Personality and Individual Differences**, v. 110, p. 12-17, 2017.

WEINBERG, Robert S.; GOULD, Daniel. **Foundations of Sport and Exercise Psychology, 6E**. Human Kinetics, 2015.

WEINSTEIN, Aviv; LEJOYEUX, Michel. Internet addiction or excessive internet use. **The American journal of drug and alcohol abuse**, v. 36, n. 5, p. 277-283, 2010.

WHAITE, Erin O. et al. Social media use, personality characteristics, and social isolation among young adults in the United States. **Personality and Individual Differences**, v. 124, p. 45-50, 2018.

WOOD, Richard TA. Problems with the concept of video game "addiction": Some case study examples. **International Journal of Mental Health and Addiction**, v. 6, n. 2, p. 169-178, 2008.

WU, Chia-Yi et al. Risk factors of internet addiction among internet users: an online questionnaire survey. **PloS one**, v. 10, n. 10, p. e0137506, 2015.

XANIDIS, Nikos; BRIGNELL, Catherine M. The association between the use of social network sites, sleep quality and cognitive function during the day. **Computers in Human Behavior**, v. 55, p. 121-126, 2016.;

XU, Junlan. Research on the Relationship among Phone Addiction, Social Anxiety and Loneliness in High School Students. **Social Sciences**, v. 5, p. 18-24, 2017

YOUNG, Kimberly S. Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. **Cyberpsychology & behavior**, v. 1, n. 3, p. 237-244, 1998.

YOUNG, Kimberly S. Psychology of computer use: XL. Addictive use of the Internet: a case that breaks the stereotype. **Psychological reports**, v. 79, n. 3, p. 899-902, 1996.

YOUNG, Kimberly. Policies and procedures to manage employee Internet abuse. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 6, p. 1467-1471, 2010.

ZHITOMIRSKY-GEFFET, Maayan; BLAU, Maya. Cross-generational analysis of information seeking behavior of smartphone users. **Aslib Journal of Information Management**, v. 69, n. 6, p. 721-739, 2016.

ZHOU, Yueyue et al. Big five personality and adolescent Internet addiction: The mediating role of coping style. **Addictive behaviors**, v. 64, p. 42-48, 2017.

ANEXO A

Questionário de Karadag *et al.* (2015)

Phubbing Scale

1. My eyes start wandering on my phone when I'm together with others.
2. I am always busy with my mobile phone when I'm with my friends.
3. People complain about me dealing with my mobile phone.
4. I'm busy with my mobile phone when I'm with friends.
5. I don't think that I annoy my partner when I'm busy with my mobile phone.
6. My phone is always within my reach.
7. When I wake up in the morning, I first check the messages on my phone.
8. I feel incomplete without my mobile phone.
9. My mobile phone use increases day by day.
10. The time allocated to social, personal or professional activities decreases because of my mobile phone.

ANEXO B

Big Five Inventory

INSTRUÇÕES. A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números na escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo e anote no espaço ao lado de cada afirmação. Vale ressaltar que não existem respostas certas ou erradas. Utilize a seguinte escala de resposta:

1 Discordo totalmente	2 Discordo em parte	3 Nem concordo nem discordo	4 Concordo em parte	5 Concordo totalmente
-----------------------------	------------------------	-----------------------------------	---------------------------	-----------------------------

Eu me vejo como alguém que ...

- ___ 01. É conversador, comunicativo.
- ___ 02. Às vezes é frio e distante.
- ___ 03. Tende a ser crítico com os outros.
- ___ 04. É minucioso, detalhista no trabalho.
- ___ 05. É assertivo, não teme expressar o que sente.
- ___ 06. Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho.
- ___ 07. É depressivo, triste.
- ___ 08. Gosta de cooperar com os outros.
- ___ 09. É original, tem sempre novas idéias.
- ___ 10. É temperamental, muda de humor facilmente.
- ___ 11. É inventivo, criativo.
- ___ 12. É reservado.
- ___ 13. Valoriza o artístico, o estético.
- ___ 14. É emocionalmente estável, não se altera facilmente.
- ___ 15. É prestativo e ajuda os outros.
- ___ 16. É, às vezes, tímido, inibido.
- ___ 17. Pode ser um tanto descuidado.
- ___ 18. É amável, tem consideração pelos outros.
- ___ 19. Tende a ser preguiçoso.
- ___ 20. Faz as coisas com eficiência.
- ___ 21. É relaxado, controla bem o estresse.
- ___ 22. É facilmente distraído.
- ___ 23. Mantém-se calmo nas situações tensas.
- ___ 24. Prefere trabalho rotineiro.
- ___ 25. É curioso sobre muitas coisas diferentes.
- ___ 26. É sociável, extrovertido.
- ___ 27. É geralmente confiável.
- ___ 28. É, às vezes, rude (grosseiro) com os outros.
- ___ 29. É cheio de energia.
- ___ 30. Começa discussões, disputas com os outros.
- ___ 31. É um trabalhador de confiança.
- ___ 32. Faz planos e os segue a risca.
- ___ 33. Tem uma imaginação fértil.
- ___ 34. Fica tenso com frequência.
- ___ 35. É engenhoso, alguém que gosta de analisar profundamente as coisas.
- ___ 36. Fica nervoso facilmente.
- ___ 37. Gera muito entusiasmo.
- ___ 38. Tende a ser desorganizado.
- ___ 39. Gosta de refletir, brincar com as idéias.
- ___ 40. Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil.
- ___ 41. Preocupa-se muito com tudo.
- ___ 42. Tende a ser quieto, calado.
- ___ 43. Tem poucos interesses artísticos.
- ___ 44. É sofisticado em artes, música ou literatura.

APÊNDICE

Instrumento utilizado para a coleta de dados

Car@ colega,

Este instrumento de pesquisa faz parte da minha Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, sobre o comportamento de uso do smartphone e as características pessoais dos indivíduos. Assim, solicito sua colaboração para responder com atenção às questões propostas. Saliento a importância da sua participação e garanto a confidencialidade das informações aqui prestadas.

Caso queira saber sobre os resultados da presente pesquisa, há um campo de preenchimento opcional ao final do questionário onde você pode colocar seu e-mail. Desde já agradeço a sua contribuição!

Mestranda do PPGA da Universidade Federal do Pampa: Marina Valim Bandeira

E-mail para contato: band.marina@hotmail.com

Orientadora: Kathiane Benedetti Corso.

“PERGUNTA FILTRO”

Você é estudante universitário?

() Sim () Não

BLOCO 1 – Comportamento de uso do smartphone em situações sociais

1 – Para responder as questões a seguir, pense em como você utiliza seu smartphone. Você precisará marcar com que frequência você se comporta da maneira indicada pelas afirmativas.

AFIRMATIVAS	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Quase sempre	5. Sempre
1. Meus olhos se distraem no meu smartphone mesmo quando estou junto com outras pessoas.					
2. Eu estou sempre usando meu smartphone quando estou com os meus amigos.					

3. As pessoas reclamam sobre meu comportamento de uso do smartphone.					
4. Eu acho que não incomodo meu parceiro quando estou mexendo no meu smartphone.					
5. Meu smartphone está sempre ao meu alcance.					
6. Quando eu acordo, a primeira coisa que faço é verificar meu smartphone					
7. Eu me sinto incompleto sem o meu smartphone.					
8. O tempo em que passo no meu smartphone aumenta dia a dia.					
9. O tempo que destino para atividades sociais, pessoais ou profissionais diminui por causa do meu smartphone.					

BLOCO 2 - CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Agora pense em você mesmo.... Com quais das características descritas nas afirmativas você se identifica? Assinale na coluna correspondente sobre o quanto você discorda ou concorda das afirmativas

	Afirmações	Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
1	Sou temperamental, mudo de humor facilmente;	()	()	()	()	()
2	Sou emocionalmente estável, não me altero facilmente;	()	()	()	()	()
3	Sou relaxado, controlo bem o estresse;	()	()	()	()	()
4	Mantenho-me calmo em situações tensas;	()	()	()	()	()
5	Fico tenso com frequência;	()	()	()	()	()
6	Fico nervoso facilmente;	()	()	()	()	()
7	Sou conversador e comunicativo;	()	()	()	()	()
8	Sou assertivo, não temo expressar o que sinto;	()	()	()	()	()
9	Sou reservado;	()	()	()	()	()
10	Às vezes sou tímido, inibido;	()	()	()	()	()
11	Sou sociável, extrovertido;	()	()	()	()	()
12	Sou cheio de energia;	()	()	()	()	()
13	Gero muito entusiasmo nas pessoas;	()	()	()	()	()
14	Tendo a ser quieto, calado;	()	()	()	()	()
15	Gosto de cooperar com os outros;	()	()	()	()	()
16	Sou prestativo e ajudo os outros;	()	()	()	()	()
17	Sou amável e tenho consideração pelos outros;	()	()	()	()	()
18	Sou minucioso, detalhista no trabalho;	()	()	()	()	()
19	Insisto até concluir a tarefa ou o trabalho;	()	()	()	()	()
20	Posso ser um tanto descuidado;	()	()	()	()	()
21	Tendo a ser preguiçoso;	()	()	()	()	()

22	Faço as coisas com eficiência;	()	()	()	()	()
23	Me distraio facilmente;	()	()	()	()	()
24	Faço planos e os sigo à risca;	()	()	()	()	()
25	Tendo a ser desorganizado;	()	()	()	()	()
26	Sou original e tenho sempre novas ideias;	()	()	()	()	()
27	Sou inventivo, criativo;	()	()	()	()	()
28	Valorizo o artístico, o estético;	()	()	()	()	()
29	Sou curioso sobre muitas coisas diferentes;	()	()	()	()	()
30	Tenho uma imaginação fértil;	()	()	()	()	()
31	Sou engenhoso, gosto de analisar profundamente as coisas;	()	()	()	()	()
32	Gosto de refletir e brincar com as ideias;	()	()	()	()	()
33	Tenho poucos interesses artísticos;	()	()	()	()	()
34	Sou sofisticado em artes, música ou literatura.	()	()	()	()	()

BLOCO 3 – Perfil

Quero conhecer um pouco mais sobre você. Por gentileza responda à última parte do instrumento que corresponde à seção de perfil.

- Qual a sua idade? _____
- Sexo: () M () F
- Universidade na qual estuda (sigla) _____
- Estado civil:

() solteiro () namorando () união estável () casado () divorciado () viúvo

- Status de Relacionamento:

() moro sozinho () moro com companheiro () moro com meus pais () dividido a moradia com colegas

- Possui filhos? () Não. () Sim. Quantos? _____
- Há quanto tempo possui smartphone: _____ anos
- Nas opções a seguir, indique para quais atividades você utiliza seu smartphone:

atender/fazer ligações enviar mensagens de texto acessar as redes sociais
 assistir a vídeos ouvir música estudar jogar previsão do tempo
 trânsito transporte público agenda outra. Qual? _____

- Pensando nos aplicativos abaixo, quais destes você mais utiliza?

Facebook Twitter Instagram Snapchat Youtube
Whatsapp Uber Spotify Deezer Waze Dropbox
Tinder Happn jogos outros. Quais? _____

Se você deseja saber os resultados dessa pesquisa, deixe seu e-mail para contato.
Caso não queira, obrigada pela participação!

OBRIGADA PELA SUA PARTICIPAÇÃO!!